

TRAVESSIAS DO CURRAL DEL REI

MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO

T779 Travessias do Curral del Rei / Organização Ana Paula Portugal [et al.]. -- Belo Horizonte, MG : Museu Histórico Abílio Barreto, 2026.
175 p.: il. color.;

ISBN: 9788560151172

1. Museu Histórico Abilio Barreto. 2. História - Exposições - Curral del Rei (MG). 3. Catálogos. I. Portugal, Ana Paula de Souza. II. Albuquerque, Jakeline Lins Guimarães de. III. Guerra, Isabela Tavares. IV. Sobrinho, Simone Teodoro. V. Título.

CDD: 981.511

Catalogação na fonte: Christiano Marcos Ribeiro Quadros – CRB6: 2649/O

TRAVESSIAS DO CURRAL DEL REI

MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO

ORGANIZAÇÃO

Ana Paula Portugal
Jakeline Lins Guimarães de Albuquerque
Isabela Guerra
Simone Teodoro Sobrinho

BELO HORIZONTE/MG- 2026

SUMÁRIO

6 **APRESENTAÇÃO: TRAVESSIAS DO CURRAL DEL REI: MEMÓRIA, ANCESTRALIDADE E FUTURO**
Cida Falabella – SECRETÁRIA MUNICIPAL DE CULTURA
Bárbara Bof – PRESIDENTA DA FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA

8 **PREFÁCIO**
Leandro Gabriel – VIADUTO DAS ARTES

10 **TRAVESSIAS CONCEITUAIS: CAMINHOS PARA O FUTURO DAS EXPOSIÇÕES NO MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO**
Ana Paula Portugal – COORDENADORA DO MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO

14 **CURRAL DEL REI: HISTÓRIA VIAJANTE**
Bruno Viveiros Martins – CURADOR

18 **ROTEIRO DE VIAGEM: ESTRATÉGIAS DE PESQUISA PARA A EXPOSIÇÃO "TRAVESSIAS DO CURRAL DEL REI"**
Marcela Telles Lima – HISTORIADORA

22 **ANCESTRALIDADE E O PORTAL DA MEMÓRIA E RESISTÊNCIA (ENTREVISTA)**
Pai Ricardo de Moura – SACERDOTE DO TERREIRO PAI JACOB DO ORIENTE

28 **TRAVESSIAS ESPACIAIS: EXPOGRAFIA E NARRATIVA NO CASARÃO DA FAZENDA DO LEITÃO**
Joseana Costa e Nara Grossi – GEMA ARQUITETURA

32 **PERCURSOS DO EDUCATIVO PELA EXPOSIÇÃO "TRAVESSIAS DO CURRAL DEL REI"**
Jakeline Lins Guimarães de Albuquerque – SETOR EDUCATIVO DO MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO

36 **FRAGMENTOS DO PASSADO, DIÁLOGOS COM O PRESENTE**
Álvaro Américo Moreira Sales – SETOR DE GESTÃO DE ACERVO DO MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO

46 **TRAVESSIAS DO CURRAL DEL REI – A EXPOSIÇÃO:**
Bruno Viveiros Martins – CURADORIA E TEXTOS
Marcela Telles Lima – PESQUISA E TEXTOS

48 **LINHA DO TEMPO**
52 **1. CAMINHOS E VIAGENS**
72 **2. COTIDIANO**
88 **3. ANCESTRALIDADES**
96 **4. TRABALHO**
112 **5. A NOITE E SEUS MEDOS**
120 **6. NARRATIVAS FICCIONAIS**
126 **7. PERMANÊNCIAS**
142 **8. ALIMENTAÇÃO E ABASTECIMENTO**
156 **9. PAISAGENS**

TRAVESSIAS DO CURRAL DEL REI

TRAVESSIAS DO CURRAL DEL REI: MEMÓRIA, ANCESTRALIDADE E FUTURO

Cida Falabella
SECRETÁRIA MUNICIPAL DE CULTURA

Bárbara Bof
PRESIDENTA DA FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA

Apresentar o catálogo da exposição “Travessias do Curral Del Rei”, realizada no Museu Histórico Abílio Barreto (MHAB), é motivo de satisfação para a Secretaria Municipal de Cultura e para a Fundação Municipal de Cultura. Esta publicação não apenas registra uma experiência museal relevante, mas também reafirma o compromisso das nossas políticas culturais com a reparação histórica, com a pluralidade de narrativas e com o direito à memória.

Antes de abrigar a capital planejada de Minas Gerais, o Arraial do Curral Del Rei acumulou quase dois séculos de uma história rica, marcada por modos de vida intimamente conectados à natureza e aos rios, além de dinâmicas econômicas, sociais e sagradas próprias. No entanto, o ideário positivista e modernizante do novo regime republicano impôs uma narrativa focada exclusivamente no progresso, que tentou apagar esse passado considerado “arcaico”. As pinturas e fotografias encomendadas pela Comissão Construtora da Nova Capital ao final do século XIX visavam justamente reforçar essa oposição entre o “atrasado” e o “avançado”, reduzindo o arraial a um local destinado ao desaparecimento.

A exposição “Travessias do Curral Del Rei” surge precisamente para romper com essa visão do antigo povoado como mero ponto de partida para Belo Horizonte. O projeto convida o público a um movimento essencial de reflexão e reavaliação crítica: olhar para essa localidade como um território de saberes, debates políticos locais, lutas de libertação, religiosidades e cotidianos de trabalho.

Nesse exercício de reconstrução de sentidos, a questão da ancestralidade sobressai-se de forma transversal, em diálogo fundamental com os saberes das comunidades de matriz-africana. Compreendida não como algo do passado ou peça estática de museu, a ancestralidade é movimento, circularidade e presença viva que se materializa no Portal da Memória e Resistência — obra comissionada de Jorge dos Anjos, concebida em sintonia com os ensinamentos de Pai Ricardo Moura (Casa de Caridade Pai Jacob do Oriente). Instalado no interior do Casarão, antigo espaço de poder senhorial, o Portal inverte a lógica do apagamento colonizador para reafirmar que a história negra de Belo Horizonte não começou nas margens para onde foi empurrada; ela pulsa no centro, funda a matriz identitária de nossa cidade e continua a apontar os caminhos do porvir.

A revisão crítica do acervo do MHAB — reunido desde a década de 1930 sob a ótica da excepcionalidade e da historiografia oficial —, bem como da maneira de conceber exposições, demonstra o compromisso da instituição em se posicionar como um centro vivo de reflexão e diálogo. Revisitamos nossas coleções para preencher lacunas e dar visibilidade às vozes e modos de vida que sustentaram e continuam a construir a nossa sociabilidade.

Agradecemos à equipe do Museu Histórico Abílio Barreto, aos curadores, pesquisadores, arquitetos, educadores e artistas envolvidos, e à parceria fundamental do Viaduto das Artes.

Convidamos a todas e todos a folhearem este catálogo e a realizarem sua própria viagem pelas páginas, salas e memórias do Curral Del Rei. Que estas travessias nos inspirem a edificar uma Belo Horizonte cada vez mais justa, plural e consciente do valor impreterível de suas raízes.

PREFÁCIO

Leandro Gabriel
VIADUTO DAS ARTES

Em continuidade ao projeto Museus Centro, iniciado em 2024, o Viaduto das Artes, junto da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte e Fundação Municipal de Cultura, tem a honra de apresentar, no Museu Histórico Abílio Barreto, a exposição “Travessias do Curral Del Rei”. A mostra propõe uma jornada pela história do antigo arraial, que existiu onde hoje se ergue Belo Horizonte, através de trilhas de memória, resistência e transformação social.

Fruto do trabalho curatorial do historiador e escritor Bruno Viveiros Martins, atento às múltiplas vozes silenciadas pela narrativa oficial da fundação da capital, “Travessias do Curral Del Rei” resgata fragmentos do cotidiano, dos afetos e das lutas de uma comunidade viva, cuja memória teima em atravessar os tempos. A antiga sede da Fazenda do Leitão (o próprio casarão que abriga o Museu) torna-se aqui não apenas palco, mas também personagem: suas paredes, janelas e corredores se abrem como frestas por onde espreitam histórias esquecidas, desejos interrompidos e modos de vida ainda pulsantes.

A exposição percorre diferentes aspectos da vida no Curral Del Rei, revelando a riqueza e complexidade de seu cotidiano: mapas, práticas de benzeção e simpatias, e as memórias dos tropeiros estão presentes neste olhar sobre o antigo arraial. Dividida em núcleos temáticos, a mostra convida o público a revisitar o arraial, não como um espaço apagado pela modernidade, mas como um território vivo de disputas e construções sociais. A travessia proposta é, ao mesmo tempo, geográfica e simbólica, e um percurso por memórias invisibilizadas, capaz de reativar sentidos ainda hoje fundamentais para pensar a cidade.

Nessa perspectiva, o Viaduto das Artes convida o visitante a pisar no chão de histórias encobertas, a olhar com atenção para aquilo que resiste e a caminhar com aqueles que vieram antes de nós. Porque lembrar, afinal, também é um modo de construir o porvir.

Desde sua criação, no Barreiro, o Viaduto das Artes tem como missão ampliar o acesso à arte e ao patrimônio cultural, conectando bairros, territórios e tempos. Nesta travessia, seguimos firmes em nosso propósito: fortalecer a escuta, desafiar silêncios e ativar potências latentes da cidade. Trazer à tona o Curral Del Rei não é apenas revisitar um passado apagado, mas propor um presente mais justo, onde a diversidade de memórias possa se transformar em ação coletiva, reconhecimento e pertencimento.

TRAVESSIAS CONCEITUAIS: CAMINHOS PARA O FUTURO DAS EXPOSIÇÕES NO MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO

Ana Paula Portugal
COORDENADORA DO MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO

Que exposição fazer? O que escolher?

Pode-se pensar que essas perguntas conduzem ao cerne da vocação de um museu. Elas permeiam tanto as suas bases conceituais quanto as suas diversas práticas museológicas cotidianas. Não só estabelecem as escolhas curatoriais, como também ditam como a instituição se posiciona e age em função do seu papel social, e se desdobram em muitas outras: histórias de quem serão contadas? Os vestígios materiais pertenceram a quem? O que se preserva para o futuro? O que se expõe? Quais visões do passado são refletidas e transfiguradas pelo espelho do presente?

Essas indagações não encontram respostas prontas. Elas demandam o exercício contínuo da equipe do Museu Histórico Abílio Barreto (MHAB) em repensar criticamente a missão institucional, os valores e a vocação do museu no contexto múltiplo, dinâmico e contraditório da cidade de Belo Horizonte. Esse esforço reflete-se no desenvolvimento do acervo, no uso de seus espaços e na busca por uma relação estreita e horizontal com os visitantes e os diversos grupos sociais belo-horizontinos.

Pensar e conceituar um Programa de Exposições não é tarefa simples: exige uma visão abrangente do museu que, a longo prazo, concilie o seu devir com as demandas sociais e que incluam no ideário do campo museal as questões de práticas do uso do espaço expositivo.

No caso do MHAB, que trata da história de Belo Horizonte, há ainda o desafio constante de confrontar a imagem de uma instituição "tradicional" — do objeto sacralizado e da exposição estática e contemplativa — com um museu que, há alguns anos, busca consolidar-se como "museu-fórum", em consonância com o conceito de Duncan F. Cameron (1971). Com esse intuito, a premissa que norteia os trabalhos cotidianos é a de que se faz necessário acolher as diversas interpretações sobre o passado e o presente, e promover a descentralização curatorial por meio da participação coletiva, além de entender o acervo como um suporte instigador de reflexões, assumindo que não existem respostas prontas ou únicas.

Nessa perspectiva, a exposição no MHAB deixa de ser o cenário de uma narrativa linear e estabelecida. Conforme a proposição de Ulpiano Meneses (1994), o espaço expositivo deixa de operar como um mero "teatro da memória", onde o passado é encenado de forma passiva, para se transformar em um "laboratório da história", focado na investigação e na produção de novas percepções. O ponto principal é que a exposição passe a ser um canal de comunicação dialógica com o público, usando a própria linguagem expográfica para problematizar visões e estimular o pensamento crítico.

Foi exatamente nesse contexto de revisão e inquietação sobre a produção das exposições do museu que a equipe do MHAB sugeriu como tema o Arraial Curral Del Rei no Casarão da antiga Fazenda do Leitão. Em seus mais de oitenta anos de trajetória, o museu desenvolveu mais de uma centena de exposições voltadas para recortes relacionados a Belo Horizonte, com poucas exceções. No entanto, conteúdos sobre a localidade que existia antes da construção da nova capital mineira foram pouco abordados.

Outros pontos de reflexão convergiram para a proposta deste assunto:

- O questionamento feito por diversos grupos sociais, que buscavam respostas no acervo do museu, sobre a falta de referências das histórias das pessoas negras que viviam no território do Curral Del Rei;
- A necessidade de demonstrar ao público que é um mito o entendimento de que o Curral Del Rei e o Casarão da Fazenda do Leitão foram o "embrião" da nova capital planejada;
- A necessidade de revisar a atribuição do Casarão como objeto museológico, considerando a relevância da edificação como estrutura remanescente do período final do Curral Del Rei;
- A necessidade de revisão do conceito do uso do Casarão como espaço expositivo e de acolhimento ao público, considerando as necessidades de preservação e fruição, enquanto bem cultural tombado;
- Ser um tema que, nos últimos anos, suscitou pesquisas de diversos grupos nas coleções do Museu.

Trazer o Arraial do Curral Del Rei para o centro do debate fundamentou-se como uma ação necessária para evidenciar algumas lacunas da história desse território, apontando a contradição da permanência, ainda na atualidade, do senso comum, desenvolvido no final do século XIX, de que no arraial não havia nada, de forma que justificasse sua demolição.

A partir das poucas referências históricas e dos fragmentos do arraial que fazem parte do acervo museológico, o projeto da exposição foi desenvolvido por diversos profissionais, com uma abordagem interdisciplinar, tendo como objetivo principal enfatizar a dinâmica da vida cotidiana deste local, revelando sua função e importância na rede de localidades coloniais de Minas Gerais.

O projeto curatorial utilizou o conceito de "travessia" como o eixo teórico e metodológico que conecta a pesquisa histórica, a experiência do público e o espaço físico do Casarão da antiga Fazenda do Leitão, tendo-o também como objeto museológico. Ele é uma referência crucial, pois, ao mesmo tempo em que abriga a exposição, também é suporte para algumas reflexões. Carregado de simbolismo – como ser a referência imagética da época do Curral Del Rei, ser o exemplo arquitetônico de construção no estilo colonial das fazendas mineiras, ser um bem cultural edificado emblemático da memória coletiva da cidade e ter sido a sede do museu mais antigo da cidade (1943-1998) –, a ênfase proposta foi a de mostrar a importância de sua permanência como representante de um território que foi dissolvido em prol da criação da nova capital republicana. Para evidenciar a vivência cotidiana e a pluralidade dos curralenses, a curadoria articulou eixos temáticos e transversais com um acervo diverso composto por documentos, mapas, objetos, obras de arte e registros fotográficos.

O projeto expográfico tomou partido de explorar o conceito de "travessia" como desafio de articular as necessidades de preservação do Casarão tombado com suas necessidades de espaço expositivo. O projeto levou em conta as características arquitetônicas e todos os seus elementos, propondo um percurso sinuoso e sem linearidade entre os cômodos, que instiga o visitante a explorar todos os recantos, transformando o caminhar numa jornada provocante, repleta de paisagens sonoras e visuais.

Por fim, a idealização e o desenvolvimento da exposição "Travessias do Curral Del Rei" consolidaram uma experiência que ancora a própria visão do MHAB sobre o fazer expográfico. Ao pautar debates contemporâneos e estreitar o diálogo reflexivo com o público, o museu espera que essas discussões continuem a ecoar, contrapondo narrativas preponderantes e inspirando novas pesquisas mesmo após o término das exposições.

CAMERON, Duncan F. The Museum, a Temple or the Forum. Curator: The Museum Journal, [s. l.], v. 14, n. 1, p. 11–24, mar. 1971.
MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da história: a exposição museológica e o conhecimento histórico. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 127-149, 1994.

CURRAL DEL REI: HISTÓRIA VIAJANTE

Bruno Viveiros Martins
CURADOR

No claro do dia, o novo encontrarei
E no Curral Del Rei
Janelas se abram ao negro do mundo lunar
Mas eu não me acho perdido
No fundo da noite partiu minha voz

(Milton Nascimento, Lô Borges e Márcio Borges.
"Clube da Esquina", 1970)

A exposição "Travessias do Curral Del Rei" oferece aos visitantes uma nova perspectiva sobre o antigo arraial, recuperando fragmentos de história a partir de experiências e vivências do seu cotidiano, com ênfase na dimensão viva e ativa de seus moradores. A viagem no tempo aqui proposta nos permite questionar uma visão tradicionalista que legitimou o esquecimento de seus habitantes e suas diferentes maneiras de viver, responsáveis pelo desenvolvimento político, econômico, cultural e social do lugar. Da maneira como é transmitida, a versão mais conhecida dos fatos menospreza a importância do Curral Del Rei frente aos outros arraiais, na encruzilhada das estradas que levavam à comarca de Sabará, ao vale do Rio das Velhas, aos Caminhos dos Currais do Rio São Francisco, às demais regiões da Capitania e, posteriormente, da província de Minas Gerais, ao longo dos séculos XVIII e XIX. É a partir dessa intrincada rede de caminhos e descaminhos, tempos e espaços, memórias e desmemórias que pretendemos contar a história do Curral Del Rei.

Toda viagem tem como destino ultrapassar fronteiras do vivido, do lembrado e do imaginado. Por essa razão, o viajante não termina sua travessia quando simplesmente retorna ao ponto de partida. Além disso, ele precisa ser capaz de transmitir para as gerações seguintes aquilo que foi visto, ouvido, sentido e aprendido. Quem coloca o pé na estrada se torna um sujeito repleto de experiências e conhecimentos adquiridos ao longo de seus deslocamentos. Sua sabedoria é pautada por vivências múltiplas e diversas. Em suas narrativas, inevitavelmente se fazem presentes a concepção de vida, as ideias e valores próprios a esse observador do mundo que vive à procura de novos lugares a serem conhecidos e paisagens a serem descobertas. Dessa maneira, ele poderá conservar, para além da memória de um fato narrado, os elos sociais existentes entre as gerações.

Percorrendo caminhos desiguais, essa travessia se torna perigosa, inacabada e, por vezes, contraditória. As dobras da distância não inibem quem decide pisar o pó da estrada. Seus olhos não se assustam com tamanho estranhamento, mas, pelo contrário, retiram dessa experiência um rico conhecimento, em permanente movimento e mudança. Nesse sentido, a travessia se torna uma aventura existencial, um rito de passagem em que o viajante está diante de seus próprios desarranjos.

O olhar dele, por sua vez, está atento não apenas às transformações que ocorrem em suas retinas. Confrontando-se com os limites e lacunas, ele desconfia de um universo inteiramente articulado e conhecido, rompe com esse tipo de perspectiva limitada e vasculha, nos interstícios do espaço aberto, os fragmentos de possíveis extensões descontínuas, colocando em dúvida a totalidade e a coerência do mundo visível. Seguindo trilhas e frestas, o viajante mira um presente inacabado, no qual novas e velhas cartografias se cruzam perante seus olhos. Nesta exposição, convidamos os visitantes a uma viagem pelo tempo e espaço, por atalhos e desvios, em busca de um Curral Del Rei que não está morto e enterrado, pois a verdadeira morte é o esquecimento, não a ausência da vida.

A vida dos curralenses, suas relações com a terra e os rios, o sagrado e o transcendente, os dias e as noites, as práticas cotidianas e o mundo social, as técnicas de trabalho e cura, as tradições ancestrais de escravizados vindos do outro lado do Atlântico, todos esses elementos figuram na história amplamente divulgada apenas como um mero capítulo introdutório, quase que uma nota de rodapé na grande narrativa sobre a construção da nova capital de Minas Gerais. A história do Curral Del Rei, nessa perspectiva, se resume a uma sucessão linear de acontecimentos que culmina na confirmação de seu pressuposto e irremediável destino: ser o berço original que desapareceu para ceder lugar a Belo Horizonte, moderna metrópole projetada sob princípios positivistas, racionalistas e republicanos.

O Curral Del Rei foi muito mais que isso. Seus moradores construíram formas singulares de existência no espaço físico e geográfico que habitaram, em um tempo específico em que lhes foi dado viver. Nosso objetivo é trazer as vivências compartilhadas por essa comunidade para o primeiro plano de uma narrativa ancorada em fontes de naturezas diversas. Para tanto, combinamos aspectos da cultura, sociedade, política, economia e ficção, entre outras esferas da vida humana, colocando em debate as visões do passado frente às possibilidades abertas pelo nosso tempo para a construção de um futuro em que sempre existam meios para que a memória resista ao poder do esquecimento.

A sede da antiga Fazenda do Leitão é o ponto de partida privilegiado para o movimento que irá desfazer as sombras sob as quais se escondem vestígios do Curral Del Rei. O casarão construído em 1883 assume seu lugar como expressão da memória de um tempo perdido como poeira no vento. Quartos, alcova, depósito, varanda, escadas, corredores, salas, janelas, cozinha, cada espaço permite a visualização de uma narrativa sustentada por uma rede de fragmentos de leitura transversal, que constitui igualmente uma forma própria de escrita da história. E, é claro, também significa revelar aquilo que diversas forças políticas no interior de nossa sociedade colaboraram ou conspiraram para esconder e apagar. Seus espaços e as passagens entre eles funcionam como uma teia contraposta de fontes cujas características intercruzam múltiplos itinerários repletos de acasos, surpresas, medos, silêncios, anseios, desejos experimentados por personagens de carne e osso.

Foram muitos os fios de memória deixados pelos moradores do Curral Del Rei que tivemos de desatar. Essa teia aberta e multifacetada é uma guia de leitura do passado, utilizada para a seleção de documentos, mapas, objetos, textos, vídeos, imagens, artes plásticas, poemas, canções, peças teatrais. Pretende-se, portanto, recuperar o burburinho que marcou os debates políticos, o cotidiano, os acontecimentos sociais, a resistência da população escravizada, o trabalho de brancos pobres livres e a cultura do arraial durante quase dois séculos. A grande maioria das linhas soltas dessa história está preservada no acervo do próprio Museu Histórico Abílio Barreto.

Realinhar esses fios por entre os espaços definidos pelas paredes do casarão significa alinhavar parte importante da polifonia das vozes abafadas pelo estigma da "poeirópolis." Retomar os vestígios deixados por um Curral Del Rei vivo não significa sair em busca de uma pretensa origem, corrompida em algum momento exato do passado, mas sinalizar para a cidade de Belo Horizonte quais são os riscos do esquecimento que ameaçam a construção de uma memória diversa e plural ainda a ser compartilhada. No mais, boa viagem.

ROTEIRO DE VIAGEM: ESTRATÉGIAS DE PESQUISA PARA A EXPOSIÇÃO "TRAVESSIAS DO CURRAL DEL REI"

Marcela Telles Lima
HISTORIADORA

Belo Horizonte foi construída sobre um arraial cuja história tentaram varrer como poeira antes mesmo da inauguração da nova capital. Entre 1894 e 1897, o Curral Del Rei ainda permanecia de pé, mas já havia sido transformado em ruína pela Comissão Construtora liderada por Aarão Reis. A narrativa histórica sobre o arraial, elaborada pela elite republicana, foi construída a partir de uma série de apagamentos produzidos por discursos oficiais, pela iconografia, por relatórios técnicos e funcionava muito bem para fazer tábula rasa do lugar onde se ergueria a nova cidade em apenas quatro anos. Nessa perspectiva, a imagem do Curral Del Rei – sedimentada ao longo de mais de um século – era um despropositado ajuntamento de cafuas, afastadas por ruelas de terra vermelha batida, rodeadas pela poeira provocada por ventos, passagem de tropas e boiadas, habitado por uma gente estranhamente acometida pelo bócio.

A exposição "Travessias do Curral Del Rei" pretendeu reavaliar criticamente essa narrativa tradicional sobre o velho arraial e seus moradores, e o discurso histórico que justificou práticas autoritárias, instituiu hierarquias e legitimou deslocamentos forçados, silenciamentos e esquecimentos. Para descortinar as várias trajetórias do Curral Del Rei e de seus habitantes, a pesquisa foi guiada por eixos temáticos e linhas narrativas que fortaleçam no público em geral a capacidade de reelaborar de forma autônoma os percursos que entrecruzam a história do Curral Del Rei, de Minas Gerais e do Brasil.

Nesse sentido, os conteúdos foram abordados em forma de problematização, na tentativa de provocar os visitantes a se apropriarem da exposição, aproximando os temas nela apresentados com seu cotidiano mais imediato, suscitando questionamentos acerca de ideias, princípios e valores próprios de uma visão de mundo que valorize: a autonomia do conhecimento, a reflexão crítica e participativa; a busca pela interligação entre questões específicas e temas gerais; a sistematização e o desenvolvimento gradual dos nexos entre as experiências particulares vivenciadas pelo público em cada um dos setores propostos pelo mapa curatorial.

Foram objetivos específicos da pesquisa: criar um percurso de sensibilização do público para temas de extrema relevância para a memória do Curral Del Rei, através de uma linguagem ampla, diversa e plural capaz de combinar experiência, descoberta e aprendizado. Outra questão importante era fornecer conteúdo histórico capaz de gerar subsídio para execução de ações educativas e culturais que privilegiam a troca de saberes. O desafio foi produzir informações adequadas à construção compartilhada de conhecimento por meio da investigação dos temas selecionados pela curadoria em diálogo com a equipe do MHAB para o projeto museográfico, combinando rigor intelectual com experiência sensorial imersiva a ser vivenciada no antigo casarão da Fazenda do Leitão. Durante as reuniões de trabalho realizadas ao longo da pesquisa, foram apresentados debates, personagens e acontecimentos muitas vezes esquecidos, que forneceram um repertório transdisciplinar que combina várias áreas do saber: história, geografia, canção popular, artes visuais, literatura e artes plásticas.

Um dos personagens do Curral Del Rei que nos chamou atenção durante o processo de pesquisa é Luiz Daniel Cornélio de Cerqueira, um dos líderes políticos do arraial e morador da famosa "casa das nove vidraças", na Rua de Sabará, bem perto do Largo da Matriz. Ele

atuou também como subdelegado, juiz de paz, guarda-mor, professor, proprietário de terras, dono de curtume e fabricante de vinhos de jabuticaba. No Império, declarava-se eleitor do Partido Conservador. Membro do Clube Republicano, festejou o fim da monarquia, assim que chegaram as notícias do 15 de novembro de 1889. Durante a discussão sobre a mudança do nome "Curral Del Rei", teve a ideia de renomear o lugarejo de acordo com o panorama natural que enxergava em sua volta: Belo Horizonte. A fama, o poder e o dinheiro não lhe garantiram, contudo, um lugar na nova capital. Sentindo-se ultrajado pelo valor oferecido pelas suas propriedades, mudou-se para o Arraial da Venda Nova e não colocou os pés na cidade que batizou. Além de sua presença histórica, figurou em várias narrativas ficcionais que ajudaram a manter viva a sua memória, como aquelas assinadas por Avelino Fóscolo, Henriqueta Lisboa, Beatriz de Almeida Magalhães, Adriane Garcia, Alexandre Perdigão, entre outras.

Outros personagens que conheciam como poucos as travessias do Curral Del Rei foram os tropeiros. Possuíam duas tarefas essenciais: vendiam os próprios produtos que transportavam, negociando os preços de modo a receber algum lucro; ou alugavam sua tropa, fazendo o trabalho de "frete" para as mercadorias de terceiros. Ainda assim, pelo caminho, não deixavam de fazer seus pequenos negócios por conta própria, comprando produtos e revendendo-os no destino marcado para realizar a entrega final. Os tropeiros recebiam encomendas de moradores, armazéns, mercados e empórios locais. Grandes comerciantes, porém, possuíam uma tropa particular, ou contratavam tropeiros de sua confiança. Estes, por sua vez, ficavam a serviço desses negociantes mais prósperos, intermediando créditos entre casas comerciais de diferentes localidades. O valor dos carretos era variável e incidia sobre o preço final das transações e mercadorias: peso e volume do carregamento, a fragilidade dos artigos, a urgência do cliente, o estado das estradas, a distância percorrida, a disponibilidade para a viagem e a fama do tropeiro.

A fama poderia levar um tropeiro a vários lugares em Minas Gerais. Para nos localizar durante a pesquisa, foi realizado um levantamento de mapas que cobriam a região onde o Curral Del Rei estava localizado. Nenhum detalhe presente em um documento cartográfico é registrado por mero acaso. Legendas, cores, formatos, nomes, símbolos, fronteiras, elementos naturais registram a relação entre a geografia e a história do Curral Del Rei ao longo dos séculos XVIII e XIX.

Ao final dos percursos realizados pela pesquisa, chegamos às perguntas que a exposição faz ao visitante: quais foram as grandes encruzilhadas vividas pelo Curral Del Rei durante sua existência? Não seria o próprio arraial um grande ponto de interrogação nas narrativas sobre Minas Gerais? As informações históricas e o material documental pesquisado contradizem as versões que o consideravam apenas uma localidade "perdida no meio do nada", utilizadas para legitimar a decisão das elites republicanas de "varrê-lo do mapa" e, também, da história. Lançando um olhar crítico sobre essa produção historiográfica, independente do que seus autores quiseram mostrar ou esconder, é possível ver, com nossos próprios olhos, o velho arraial na encruzilhada que se configura entre o presente de Belo Horizonte e o passado do Curral Del Rei.

ANCESTRALIDADE E O PORTAL DA MEMÓRIA E RESISTÊNCIA

Entrevista realizada com o Pai Ricardo de Moura em 23 de julho de 2026 na Casa de Caridade Pai Jacob do Oriente

1. O que é ancestralidade, na perspectiva dos Povos de Terreiro?

A ancestralidade não pode ser confundida apenas com uma questão de antepassados. O ancestral e a ancestralidade constituem um todo. Muitas vezes, pensamos a ancestralidade de forma cartesiana, como algo que veio antes, que nos fez ou que apenas nos influencia. No entanto, nossa ancestralidade continua sendo construída todos os dias; ela ainda está se formando.

A ancestralidade existe, mas isso não significa que esteja acabada. Ela continua se fazendo, se ressignificando e se transformando. Para os Povos de Terreiro de matriz africana, a ancestralidade é uma forma de compreender a vida, de viver e de se relacionar com os vivos, estabelecendo uma circularidade entre passado, presente e futuro. Nesse movimento, a ancestralidade vai incorporando pessoas, saberes, experiências, ações, corpos, gerações e tudo o que acontece em cada tempo, sem se prender a uma lógica linear.

Quando trazemos essa compreensão para o contexto dos Povos de Terreiro, muitas vezes reduzidos apenas à dimensão religiosa, percebemos que nossa existência vai muito além da religião. Temos uma filosofia, uma forma própria de viver, de produzir conhecimento e de compreender o mundo. Nossa maneira de ver a vida nasce da vivência dos nossos ancestrais e daqueles que continuam presentes em nossa caminhada.

Por isso, ancestralidade não significa apenas aquilo que ficou no passado. O Preto Velho que conheci por meio de Josias está vivo, ou está morto? Ele é apenas um espírito, ou faz parte do meu presente? Quando ele me orienta sobre o que devo fazer amanhã, ele pertence ao passado, ou ao presente? Essas perguntas revelam que a ancestralidade rompe com a lógica cartesiana do colonizador, que insiste em separar e hierarquizar o tempo. A perspectiva colonial tem dificuldade em reconhecer a vida em sua completude, em seu movimento contínuo. Ela não valoriza plenamente nem aqueles que estão vivos, nem aqueles que ainda virão. Já a ancestralidade nos ensina que a vida é um fluxo permanente, no qual passado, presente e futuro coexistem e se alimentam mutuamente.

2. Como essa ancestralidade estava presente nos modos de viver da população negra do Curral Del Rei, no que diz respeito a suas maneiras de viver a religiosidade e a cultura?

A ancestralidade estava presente nos modos de viver da população negra do Curral Del Rei porque a própria existência já era um ato de resistência. Permanecer aqui, continuar vivendo e mantendo nossos modos de ser já era, e continua sendo, fundamental. Desde o Curral Del Rei, até os dias de hoje, a sociedade ainda precisa de nós, mesmo que muitas vezes não reconheça isso. Precisam que matemos a galinha, que façamos o benzimento, que cuidemos do santo, que mantenhamos vivos os saberes ancestrais. Podem até negar ou discriminar essas práticas, mas, de alguma forma, continuam dependendo delas, nem que seja para alimentar seus próprios preconceitos ou exercer poder sobre nossos corpos. Ainda assim, nossa existência permanece indispensável.

Na época do Curral Del Rei, a ancestralidade se manifestava como resistência e organização coletiva. Ela se sustentava na memória dos que vieram antes e na força herdada através de nossa ancestralidade. Era essa força que permitia enfrentar as violências da escravização e da colonização. Embora fôssemos tratados de forma pior do que os animais, era a ancestralidade que nos dava condições de sobreviver, resistir e seguir produzindo vida. Ao mesmo tempo, essa ancestralidade era profundamente sofisticada. Ela orientava como comer, como beber, como vestir, como celebrar, como cuidar da comunidade e como preservar os conhecimentos. Enquanto o colonizador se afirmava pela força e pela violência, nossa ancestralidade se colocava soberanamente, por meio da sabedoria, da organização e da continuidade da vida. Por isso, a ancestralidade se expressava nas estratégias de sobrevivência, nas formas de organização comunitária e na preservação da nossa ciência, da nossa cultura e dos nossos modos de existir. Não podemos reduzir a ancestralidade dos Povos de Terreiro, dos povos negros e dos povos bantos, a uma imagem petrificada, colocada sobre um altar. A ancestralidade é movimento, é prática, é continuidade. Mesmo hoje, em 2026, depois de tantas tentativas de apagamento, continuamos presentes. Enterraram nossos corpos, soterraram nossas histórias e asfaltaram nossos territórios. Belo Horizonte possui um cemitério negro soterrado, no centro da cidade, dentro da Avenida do Contorno, como símbolo desse

processo de invisibilização. Ainda assim, permanecemos. Mesmo que tenham tentado empurrar a população negra do Curral Del Rei para além da Contorno, para as periferias, nossa ancestralidade continua afirmando: nós somos raiz desta cidade. Nossa história não começou na margem; ela está no centro da construção de Belo Horizonte.

3. Como essa ancestralidade resiste e se manifesta atualmente em Belo Horizonte, após tantos anos de soterramento do arraial?

A ancestralidade resiste porque nossos corpos continuam vivos. Ela resiste porque somos continuidade. É impossível acabar com a ancestralidade dos Povos de Terreiro, dos povos de matriz africana e dos povos negros. Há milênios, tentam apagá-la, combatê-la e silenciá-la, mas nunca conseguem. A ancestralidade permanece.

Precisamos compreender que a ancestralidade do nosso povo é como o sol: ela sempre existirá. Pode se manifestar de diferentes formas, mas jamais deixará de existir. Com o avanço das políticas públicas, da produção de conhecimento e do reconhecimento da nossa história, temos cada vez mais condições de mostrar ao mundo o que ela representa e de explicar sua importância para toda a sociedade. A ancestralidade resiste quando reunimos as pessoas para sambar, quando compartilhamos o carnaval como expressão coletiva, quando preservamos nossos saberes, quando produzimos conhecimento e quando continuamos ensinando nossas formas de viver. Ela também se manifesta na ciência, na educação e na academia. E, quando falamos em ancestralidade, não estamos nos referindo apenas ao que ficou no passado, mas às formas como nosso povo compreende, interpreta e constrói a vida no presente. Hoje, vemos cada vez mais pessoas negras ocupando espaços de protagonismo e sendo reconhecidas como autoras e produtoras de conhecimento, da culinária às artes, da moda às diversas manifestações culturais. A identidade do povo negro constitui a base de muitas maneiras de viver, amar, sentir, acolher e construir relações neste país. Nossa ancestralidade estrutura formas de existência que continuam transformando a sociedade brasileira.

Por isso, a ancestralidade se manifesta de inúmeras maneiras. E, muitas vezes, não é preciso procurá-la em lugares distantes. Basta olhar no espelho. Toda vez que olho para mim, encontro ali a minha ancestralidade, viva, presente e em permanente construção.

4. Como os Povos de Terreiro e Comunidades Quilombolas contribuem para manter viva essa memória ancestral no território de Belo Horizonte?

Os Povos de Terreiro e as Comunidades Quilombolas mantêm viva a memória ancestral ocupando os territórios, preservando seus saberes e fazendo a cultura acontecer todos os dias. Mantemos essa memória viva quando tocamos macumba, quando fazemos samba, quando construímos o carnaval e quando ocupamos os espaços públicos e os espaços de poder. Mesmo enfrentando violência, racismo e diversas formas de exclusão, continuamos ocupando esses lugares, porque, quando um de nós ocupa um espaço, toda a nossa ancestralidade ocupa junto. Essa presença tem um significado profundo. Hoje, por exemplo, posso participar desta entrevista e de atividades como o lançamento do portal de Jorge dos Anjos, realizado em um espaço que, no passado, foi uma fazenda escravocrata. Um lugar que antes representava a violência contra o meu povo, hoje pode acolher a minha voz, a minha escrita, os símbolos da minha ancestralidade e os conhecimentos que carrego. Estar nesse espaço, sendo ouvido, respeitado e reconhecido demonstra que nossa memória continua viva e que nossas referências ocupam, cada vez mais, lugares de destaque. Também é significativo que essa participação aconteça de forma reconhecida e valorizada. Não estamos mais apenas pedindo licença para entrar nesses espaços; estamos sendo convidados, reconhecidos e remunerados pelo conhecimento que produzimos e compartilhamos. Isso também é uma forma de resistência e de reparação histórica. Ao mesmo tempo, manter viva a memória ancestral exige continuar fortalecendo nossas comunidades. É nelas que preservamos nossos modos de viver, nossos rituais, nossos saberes e nossas relações de cuidado. Esse movimento acontece em duas direções: levamos nossa ancestralidade para os espaços públicos e institucionais, mas também retornamos às nossas comunidades para alimentá-las e fortalecê-las. É como um coração: há um movimento constante de saída e de retorno. É esse fluxo que mantém viva a memória ancestral no território de Belo Horizonte.

5. O senhor citou a obra "Portal da Memória e Resistência", do artista Jorge dos Anjos, um dos acervos centrais da exposição, trabalho feito especialmente para esta mostra. Ele evoca uma lembrança? Como ele dialoga com o outro Portal, o Portal da Memória, do mesmo artista, que está na Praça de Iemanjá, na orla da Lagoa da Pampulha, local que recebe os ritos da já tradicional Festa de Iemanjá?

O Portal da Memória é um lugar. Há lugares que se tornam território. Território nunca é um lugar, pois está sempre em disputa. Mas há lugares que se tornam territórios, pois se tornam lugares de disputa. A prática exige território físico, materialidade: espaço de terreiro, de mata, de calunga grande, de calunga pequena, o Aiê. A lembrança precisa da materialidade. Já a memória, ela é subjetiva. A gente só acessa a memória se houver um gesto material de lembrança. O Portal da Memória e Resistência é, portanto, um gesto material de lembrança em um lugar. Afinal, ele foi instalado em um território que foi uma fazenda escravagista, não é? O Portal que está no Casarão dialoga com o outro sendo um duplo dele: aquele espaço, da orla, também foi conquistado pelo nosso povo e lá estamos fazendo a tradição acontecer, a cada rito, mantendo a memória viva por meio da constância, do costume. Isso é tradição, manter viva a memória pela ocupação do território e pelas práticas constantes. Espero fundar uma tradição, nesse sentido, também no Casarão da Antiga Fazenda do Leitão.

6. As pessoas sempre nos perguntam por que não colocamos o Portal do lado de fora do Casarão. O que o senhor pensa sobre isso?

Penso que, tanto dentro, quanto fora, o Portal cumpriria seu papel de transformar aquele território, de maneiras diferentes e com significados distintos. Dentro ou fora, ele nos leva para algum lugar da memória dos antepassados. É sempre transporte, passagem para outras dimensões. Dentro, onde foi colocado, tem também um significado potente: o casarão era espaço privado do dono da fazenda, o que escravizava, o que estava empenhado em apagar a memória dos escravizados. A presença do Portal ali inverte a lógica do apagamento. Convida para olhar para trás e lembrar dos que vieram antes. Na sala em que está, também tem uma janela, que nos convida para olhar o horizonte, para a frente. Para os povos bantos, de onde vem a nossa tradição, o tempo não é linear; é cíclico e simultâneo: olhamos para trás, ao mesmo tempo em que olhamos para a frente, sem nos distrairmos do agora. O Portal, dentro do Casarão, defronte a janela, é essa confluência de tempos.

7. No dia da inauguração, o senhor disse que a exposição era uma grande macumbaria dentro do museu e, então, ficamos pensando nos assentamentos. É possível afirmar que o Portal é um assentamento?

Macumbeiro não quer ir para o céu quando morrer. Ele quer a terra, o chão. Assentar-se é fixar-se em uma terra. É chão. Assentar é uma grande questão para o Povo Preto. Na diáspora, tivemos nossas terras expropriadas, fomos expulsos. Nós, que éramos reis, donos de nosso chão, fomos roubados. Setenta por cento das pessoas atualmente em situação de rua são pretas, não têm nem casa. Ou seja: para assentar, é preciso que a gente seja dono da terra. Porque um assentamento se faz cavando um buraco no chão, se faz um rito, se planta um fundamento. Enquanto os acadêmicos falam que o mais alto saber está na cátedra, na cadeira alta, nosso saber vem da terra profunda, é o Intoto, plantado no chão, o mais profundo saber. Por isso, o Portal não é um assentamento. É uma porta, várias portas.

TRAVESSIAS ESPACIAIS: EXPOGRAFIA E NARRATIVA NO CASARÃO DA FAZENDA DO LEITÃO

Joseana Costa e Nara Grossi
GEMA ARQUITETURA

Pensar a expografia de “Travessias do Curral Del Rei” nos levou a reconhecer que seu principal objeto expositivo já estava definido: o próprio casarão do Museu Histórico Abílio Barreto, último testemunho arquitetônico remanescente do antigo arraial. Mais do que suporte da exposição, a casa é sua primeira e mais importante peça de acervo. Por isso, adotamos como princípio a preservação da leitura integral dos ambientes, evitando falsas paredes, subdivisões ou estruturas que fragmentassem a percepção espacial do casarão. A intenção foi permitir ao visitante reconhecer suas proporções, materiais, texturas e fluxos.

O percurso foi pensado como parte fundamental da narrativa. Diferentemente do acesso tradicional pela varanda do pavimento superior, a exposição propõe sua entrada pelo térreo, estabelecendo uma transição mais clara com o jardim e seu entorno. Esse espaço, a maior sala expositiva do casarão, funciona como um foyer. Ali, a maquete do Curral Del Rei e a linha do tempo situam o visitante historicamente no território, ainda antes da travessia propriamente dita.

A exposição organiza-se em nove setores, mas apenas o primeiro deles, “Caminhos e Viagens”, possui fluxo obrigatório. Trata-se de um espaço de entrada e preparação para a experiência, com baixa luminosidade, janelas fechadas e atmosfera mais imersiva, onde o visitante inicia simbolicamente sua travessia. Nesse local, a planta da casa apresenta os setores expositivos e oferece uma primeira leitura espacial da exposição, enquanto mapas históricos e projeções situam o Curral Del Rei em contextos regionais mais amplos.

O primeiro setor se desdobra no segundo pavimento e a subida ao andar superior marca a chegada ao arraial, diante de sua planta e de imagens que tornam sua presença mais concreta. A partir desse ponto, multiplicam-se as possibilidades de circulação, rompendo a lógica linear. Essa decisão expográfica procura aproximar forma e conteúdo, através de uma experiência de caminhos livres, onde cada visitante pode construir seu próprio itinerário.

Com mobiliário desenhado para coexistir com a casa sem disputar protagonismo, os expositores verticais possuem estrutura leve e esbelta pintada de branco — mesma cor das paredes — buscando uma presença discreta, dissolvida no espaço. Os de maior volume foram mantidos baixos e na cor marrom, integrando-se ao assoalho de madeira. Pontualmente, duas outras cores aparecem em detalhes do projeto. O azul, das esquadrias do casarão, opera como elemento de ligação com sua materialidade. Já o verde faz referência à paisagem natural exuberante do Curral Del Rei, frequentemente apagada pela historiografia, que a reduziu à imagem de um arraial de terra batida, poeira e trânsito de tropas.

Entre os destaques expográficos, o setor “Cotidiano” recria, por meio de um varal suspenso, uma imagem simples e potente da vida ordinária no arraial. Em “Noite e seus Medos”, a narrativa se constrói por uma dimensão mais sensorial, através de sombras e sons. Já em “Permanências”, os rios ainda existentes — embora canalizados ou tamponados — aparecem materializados no espaço pelo desenho de um tapete que percorre o chão. Sobre ele, acervos impressos em tecidos transparentes sugerem permanências incompletas, transformadas e resistentes, como a Serra do Curral. Há ali uma passarela especialmente projetada para a exposição, que atravessa

esse “rio” e conduz ao setor “Paisagens”, abrindo-se num espaço de imersão. Já nesse espaço, a ambiência é composta por flores secas, que evocam os antigos campos da região, e projeções ocupam toda a superfície das paredes, de forma que nos provoca a reconstruir nossas relações entre território e memória.



PERCURSOS DO EDUCATIVO PELA EXPOSIÇÃO "TRAVESSIAS DO CURRAL DEL REI"

Jakeline Lins Guimarães de Albuquerque
SETOR EDUCATIVO DO MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO

Vou com Deus na frente e paz na Guia.
Me acompanhe Deus e a Virgem Maria

(Domínio Público)

É travessia dentro de travessia, encruzilhada dentro de encruzilhada. Estamos diante do Arraial do Curral Del Rei, desta vez na proposta de um afetuoso encontro. Interpelar os acervos do Curral Del Rei, na proposta curatorial de Bruno Viveiros Martins, significa revelar nomes, vocações, formas de fazer, paradeiros, temores e forças, indícios de um arraial vivo e pulsante.

Aqui se inicia a travessia do Educativo MHAB para a vivência desta exposição, para a qual pedimos a bênção no atravessar, usando a oração dos tantos viajantes do passado. À nossa espera, não há verdades nem métodos puros, em um tempo em que finalmente podemos assumir os cruzos e encruzilhadas, como dizem Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino (2018) (1). O percurso está repleto de encruzilhadas, tanto no sentido de escolhas de abordagem a serem feitas, como no sentido de reconhecer que só nos aproximaremos de entender a vida curralense admitindo as impurezas nas fontes, perspectivas e nas formas de contemplá-las. Não há pureza na realidade dos achados. Já as lacunas de informação são abundantes.

Assim, para a ação educativa em "Travessias do Curral Del Rei", partimos de alguns critérios:

- Uma abordagem ao Curral que não o faz exilado no desfecho de mero "antecessor de Belo Horizonte".

- Estimular que o visitante, diante de acervos de pessoas e grupos sociais, busque o sentido da experiência que ali se tinha, por meio dos relatos documentais, artísticos e da imaginação criativa.

- Entender esse encontro com o arraial como repleto de afeto. Nesse sentido, propor um "olhar de viajante" como perspectiva de feitura do percurso. Não em um sentido turístico, mas contemplativo. Não é viajar pelos fatos "pitorescos" do arraial, mas contemplá-lo como paisagem na janela, para despertar curiosidade e ativar a capacidade imaginativa e criadora, ao ocuparmos o vazio de respostas sobre trajetórias aqui vividas. Só assim podemos pensar esse "Arraial-Mãe", potente e com suas bem-aventuranças, e como um lugar de realização, conforto e sentido, para o qual convidamos as pessoas a viajarem. Nesse sentido, abre-se a possibilidade de deparar-se com elementos de reparação e entendimento do futuro que almejamos.

- Examinar a vocação da localidade como ponto de parada na viagem, como produtora de novidades e de alterações no estabelecido.

Assim, atravessar o Curral Del Rei, na perspectiva de ação educativa que adotamos aqui, significa imaginar as lidas e dramas que aqui se desenvolviam, não somente contemplar a descrição dura de sociabilidades e ritos lidos por meio do ajuntamento de documentos e de cultura material. É buscar o sentir do viajante, do condutor de gado e do tropeiro. O sentir do proprietário de terras frustrado. O sentir daqueles que enfrentam a pacatez da noite em um lugarejo à beira de

um caminho. O sentir da população afrodescendente, que, durante o período da escravização e no pós-abolição, resistiu e seguiu a vida, evocando os signos de sua mais interna força: o sol que nasce para todos; os astros regendo o caminho; a força do ancestral, a reinvenção em novas coletividades sociais, de cuidado, de ofício e religiosas; os signos do colo dos Orixás, trazidos e ensinados pelos antepassados. E, não menos importante, a presença do que permanece, aludindo à condição de testemunha de verdadeiros portais do tempo: a Serra do Curral, os rios e o casarão da Fazenda do Leitão. Fiquemos com as palavras de um dos "agentes de bordo" dessa nossa travessia, o Padre Francisco Martins Dias, em seu relato de 1897:

> *"O viajante observador que, partindo de Villa Nova de Lima, por caminhos ingremes, tortuosos e alcantilados, ganha o alto da serra, pára insensivelmente, deslumbrado pela robusta magnificencia do quadro poetico que se desenrola diante de se.*
>
> *Sua vista, estendendo-se, dilatando-se pelos oxtremos de um horizonte intermino, se cança e perde-se nas tambiantes ondulacoes das nuvens, que, lá ao longe, ao longe, como flócos de neve, ou como largo cinto azul, se confundem com o fio dorsal das cordilheiras, que se alongam em um semi-circulo de mais de 70 kilometros, dando viva e quasi real ideia de vasto amphitheatro com bancadas e archibancadas, formadas pela serie gradativa das cordilheiras, e com tablados ou palanques, formados pelos verdejantes e avelludados comoros,esparsos, aqui, alli.*[2] "

1. SIMAS, Luiz Antonio; Rufino, Luiz. Fogo no Mato. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.
2. DIAS, Francisco Martins. Traços historicos e descriptivos de Bello Horizonte. Typ. do Bello Horizonte, 1897, p.6.



FRAGMENTOS DO PASSADO, DIÁLOGOS COM O PRESENTE

Álvaro Américo Moreira Sales
SETOR DE GESTÃO DE ACERVO DO MUSEU HISTÓRICO ABÍLIO BARRETO

O Museu Histórico Abílio Barreto foi inaugurado em 1943, mas a construção do seu acervo se deu muito antes, a partir do trabalho de pesquisa realizado pelo jornalista e historiador Abílio Barreto. Quando este assumiu a organização do Arquivo Municipal de Belo Horizonte, na década de 1930, reuniu itens dispersos em repartições públicas, como objetos, documentos, pinturas, fotografias e mapas relacionados ao Arraial do Curral Del Rei e à capital de Minas Gerais, inaugurada em 1897. Esse foi o início da coleção que fundamentaria o MHAB. A partir da abertura do museu, o acervo foi dividido em seções: história do antigo Arraial do Curral Del Rei e história de Belo Horizonte. Inicialmente, a coleta de peças seguiu uma visão historiográfica que elegia o antigo, o raro e o curioso como critérios essenciais para a preservação local. Essa abordagem – vigente à época – priorizou o passado remoto, valorizando relíquias do Arraial do Curral Del Rei e fragmentos de prédios demolidos como testemunhos de um cenário apagado pelo ideal de modernidade. Da mesma forma, a constituição do acervo tendeu a consagrar fatos então considerados excepcionais e grandes marcos históricos.

Nas décadas seguintes, o crescimento das coleções do MHAB ainda estava atrelado à suposta soberania de uma história oficial baseada na ideia de excepcionalidade. A análise documental do museu confirma que essa linha curatorial da fundação se estendeu até a década de 1980, momento em que o museu passou a incorporar práticas e debates museológicos contemporâneos. Mesmo assim, algumas das premissas de Abílio Barreto sobre memória e patrimônio estruturaram a essência da instituição e ganharam forma física no próprio acervo, constituído, em certa medida, por objetos e documentos salvaguardados sob a sua liderança.

Na década de 1990, esse conceito de museu e de acervo foi atravessado pelo processo de redemocratização do Brasil, pelas garantias de participação popular da nova Constituição Federal e pelos debates acadêmicos que renovaram a compreensão histórica. O Museu Histórico Abílio Barreto precisava continuar dialogando com a sociedade e com a contemporaneidade. A instituição passou por um processo de revitalização a partir da adoção de diretrizes museológicas contemporâneas e por uma dinâmica de gestão mais aberta. Dessa forma, o acervo expandiu-se tanto em volume quanto em diversidade, passando a incorporar representações de grupos e setores sociais antes invisibilizados.

Contudo, ainda persistem lacunas históricas e sociais que demandam atenção. Portanto, a incorporação de novas coleções e o desenvolvimento de novas pesquisas são fundamentais para aprofundar o debate sobre ausências e para complexificar as narrativas históricas. O mapeamento dessas lacunas ainda é um desafio presente; o esforço em dinamizar o acervo e fomentar investigações inéditas é o que permite alargar os horizontes da pesquisa e confrontar as contradições da história.

O trabalho de curadoria, pesquisa e seleção do acervo para a exposição Travessias no Curral Del Rei situa-se nesse contexto, ao evidenciar o arraial e o seu subsequente apagamento para a construção da nova capital. O acervo recolhido há mais de 80 anos num contexto de excepcionalidade é repensado e refletido

à luz de conceitos contemporâneos de história e museologia, e se torna suporte para analisar criticamente o passado. Dessa forma, o Museu Histórico Abílio Barreto, atravessando décadas e gerações, se mantém como instituição de preservação, reflexão e diálogo com a sociedade.








ESSIAS DO
CURRAL DEL REI

TRAVESSIAS DO CURRAL DEL REI – A EXPOSIÇÃO:

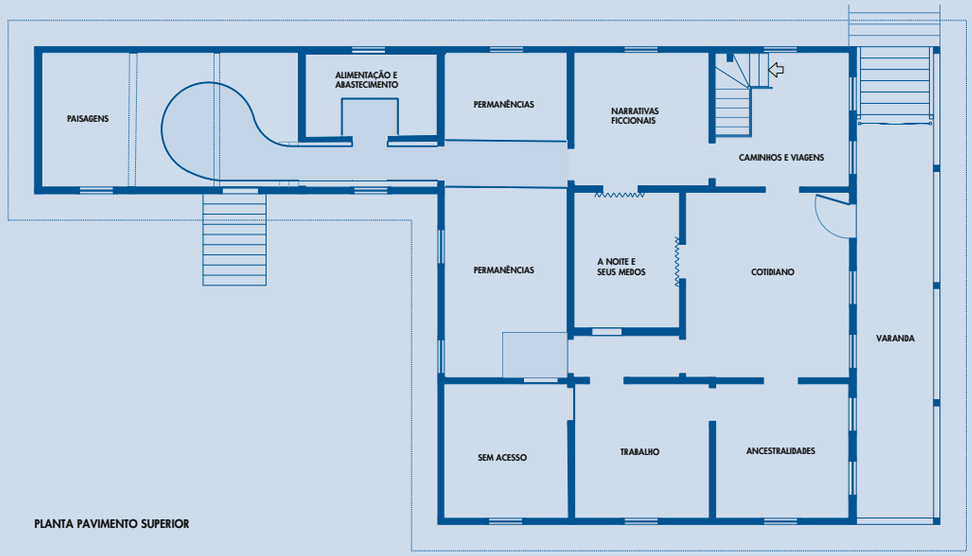
Bruno Viveiros Martins
CURADORIA E TEXTOS

Marcela Telles Lima
PESQUISA E TEXTOS

48 LINHA DO TEMPO
52 1. CAMINHOS E VIAGENS
72 2. COTIDIANO
88 3. ANCESTRALIDADES
96 4. TRABALHO
112 5. A NOITE E SEUS MEDOS
120 6. NARRATIVAS FICCIONAIS
126 7. PERMANÊNCIAS
142 8. ALIMENTAÇÃO E ABASTECIMENTO
156 9. PAISAGENS



PLANTA PAVIMENTO TÉRREO



PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR

LINHA DO TEMPO

Minas Gerais

Curral Del Rei

1600

1675
Abertura do Caminho Velho entre São Paulo, Minas e o Rio de Janeiro.

1670

1698
Abertura do Caminho Novo reduz o percurso entre as Minas e o Rio de Janeiro.

1695
Fundação do arraial de Matias Cardoso. Abertura do Caminhão Geral do Sertão interliga Pernambuco e Bahia com as Minas.

1690
Povos Cataguas iniciam luta indígena contra ocupação portuguesa.

1690

Populações originárias anteriores à criação Curral Del Rei habitam a região central da Capitanias das Minas.

1700

1707–1709
Guerra dos Emboabas.

1720
Revolta de Vila Rica. Criação da "Capitania das Minas".

1736
Motins do Sertão do Rio São Francisco.

1746
Guerra entre portugueses e Quilombo do Ambrósio na atual cidade de Cristais.

1789
Inconfidência Mineira.

1710 1720 1730 1740 1750 1770 1780 1790

1701
Ocupação da região por João Leite da Silva Ortiz.

1711
Construção de capela em invocação de Nossa Senhora da Boa Viagem.

1719
Arraial torna-se sede de um quartel dos Dragões, que contava com 30 homens.

1738
Realização de 4 devassas eclesiásticas.

1777

1755
Construção da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem.

1756
Francisca Correia organiza Calundu na Fazenda de Bento Pires na Pampulha.

1793

Minas Gerais

Curral Del Rei

1800

1807
Requerimento da Irmandade do Rosário ao rei D. João VI para construção de capela e cemitério sem ajudas de custo.

1808
Criação de uma Fundição de Ferro e Bronze.

1808
Resistência indígena contra ocupação portuguesa do Vales do Rio Doce e Mucuri.

1810

1811
Registro do Livro de Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário.

1814
Criação de escola régia com 22 alunos.

1819
Inauguração da Capela de Nossa Senhora do Rosário.

1822
Independência do Brasil. A capitania é denominada "Província de Minas Gerais".

1820

1828
Criação da segunda escola régia.

1833
Revolta de escravizados em Carrancas.

1830

1840

1844
Criação da Companhia da Guarda Nacional.

1845
Inauguração de Fundição de Ferro e Bronze.

1850

1855
A Fazenda do Barreiro possuía 450 alqueires.

1857
A Fazenda do Leitão possuía 65 alqueires.

1860

1870

1872
Recenseamento imperial: população total de 5.524 pessoas, sendo 2.690 homens e 2.834 mulheres; 5.188 livres e 336 escravizadas/os.

1880

1881
Criação do serviço postal.

1889
Fundação do Clube Republicano Floriano Peixoto.

1889
Golpe político proclama a República no Brasil.

1888
Abolição formal da escravatura.

1880

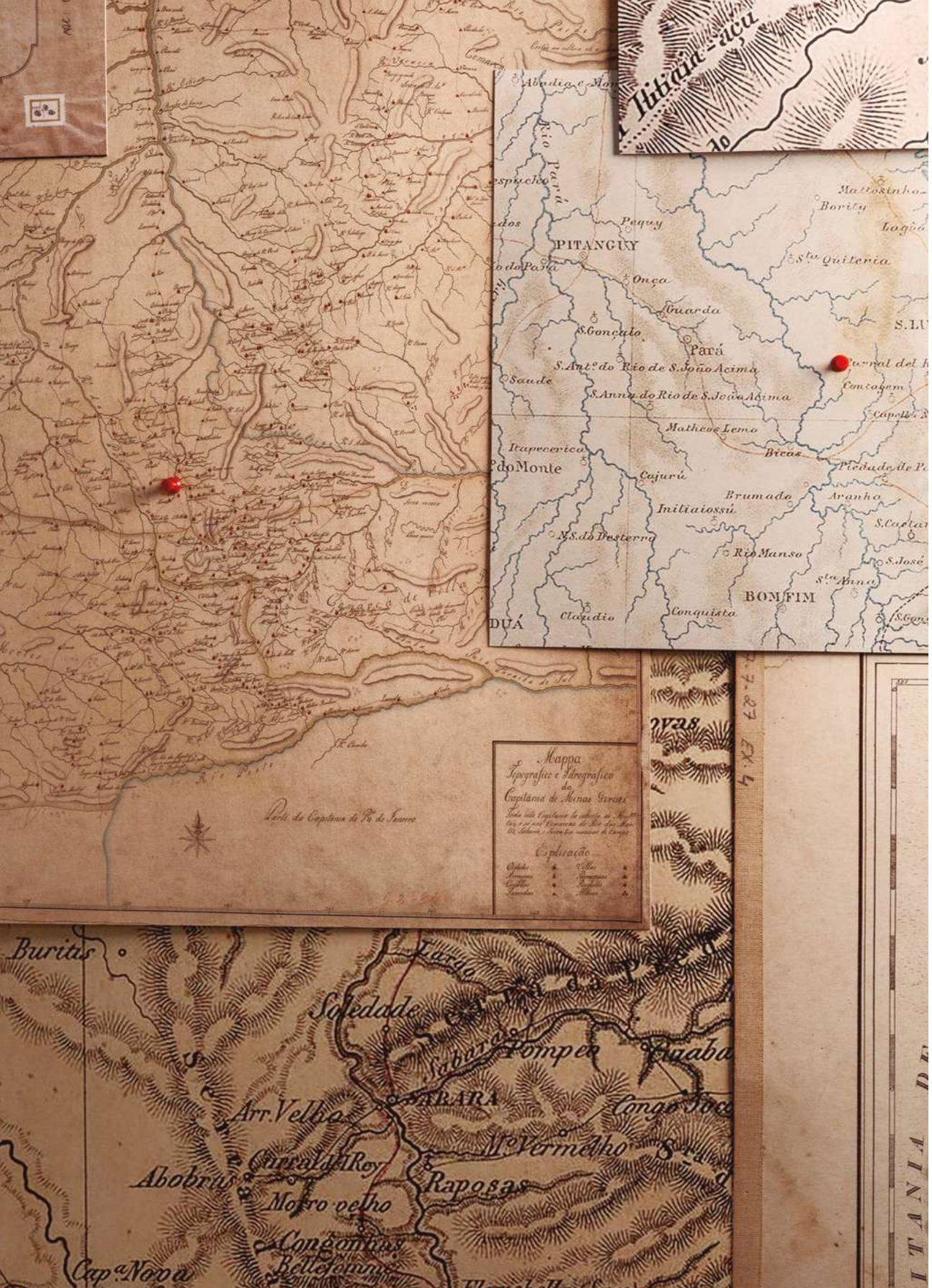
1890

1890
Mudança do nome de Curral Del Rei para Belo Horizonte.

1893
Padre Francisco Martins Dias é o primeiro vigário negro da Paróquia da Nossa Senhora da Boa Viagem.

1894
Criação da Comissão Construtora da Nova Capital.

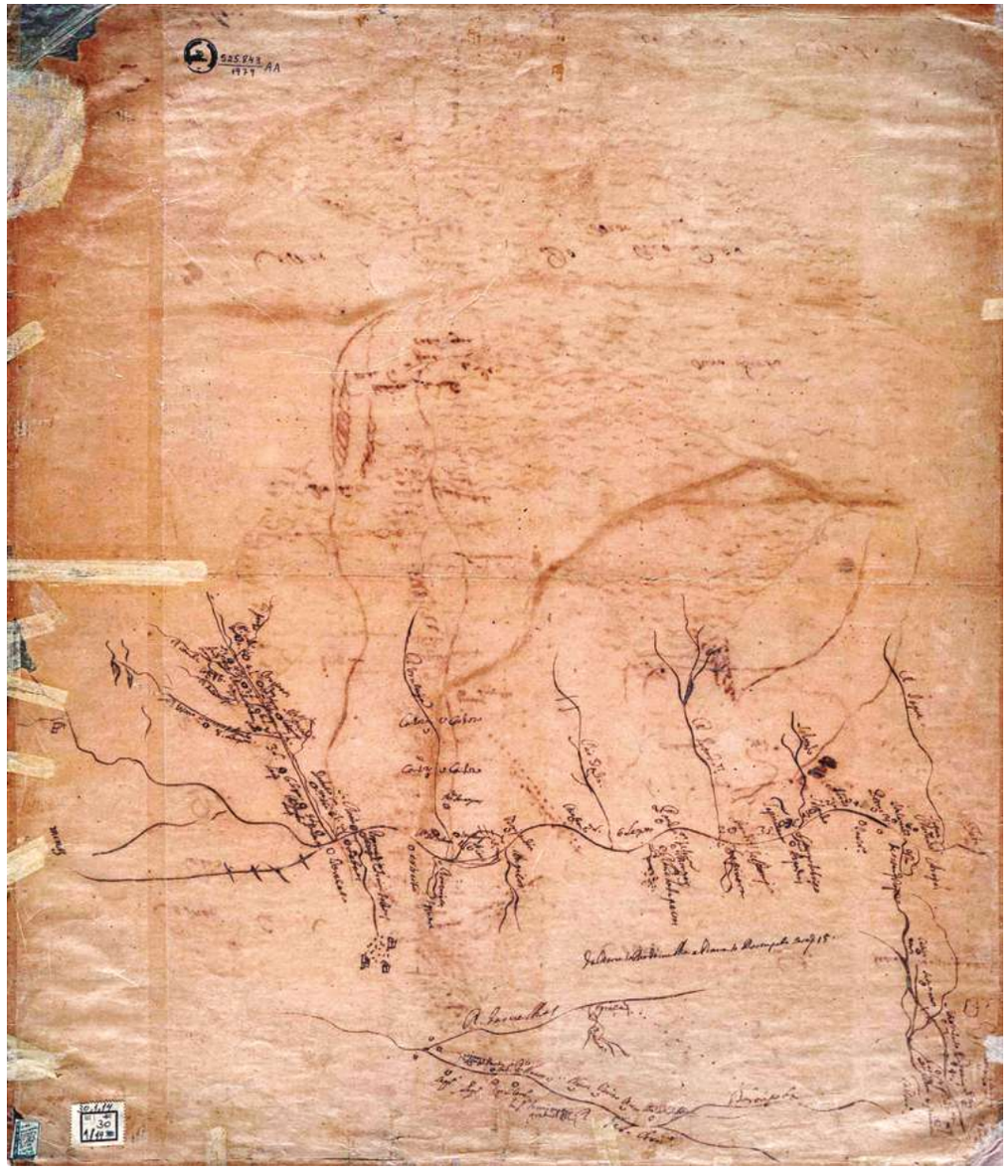
1897
Inauguração de Belo Horizonte.



CAMINHOS E VIAGENS

Quem cruza as fronteiras de Minas Gerais percorre cidades e sertões; montanhas, vales e planaltos; estradas de terra e o curso dos rios; matas, campos e cerrados. Diante de tanta diversidade, nosso olhar encontra distâncias a percorrer e desafios a enfrentar. Nos séculos XVIII e XIX, mapas desses caminhos localizavam um certo “Curral Del Rei” na região central de Minas. Para chegar até lá, era preciso colocar o pé na estrada. Quem se sentia muito bem nas ruas do antigo arraial e nas estradas mineiras eram os viajantes. Personagens enigmáticos, que vinham de longe e sempre tinham muito para contar. Ao longo de suas andanças, eles recolhiam histórias de lugares perdidos e passados esquecidos, entrecruzados em um processo de reinvenção da realidade, no qual o moderno e o arcaico, o longe e o perto, o tempo e o espaço são flagrados em encontros fortuitos. Seguir seus passos nos leva a uma topografia sem limites. Seus olhos, em constante movimento, procuram, provocam, investigam, interrogam; enfim, quebram certezas.

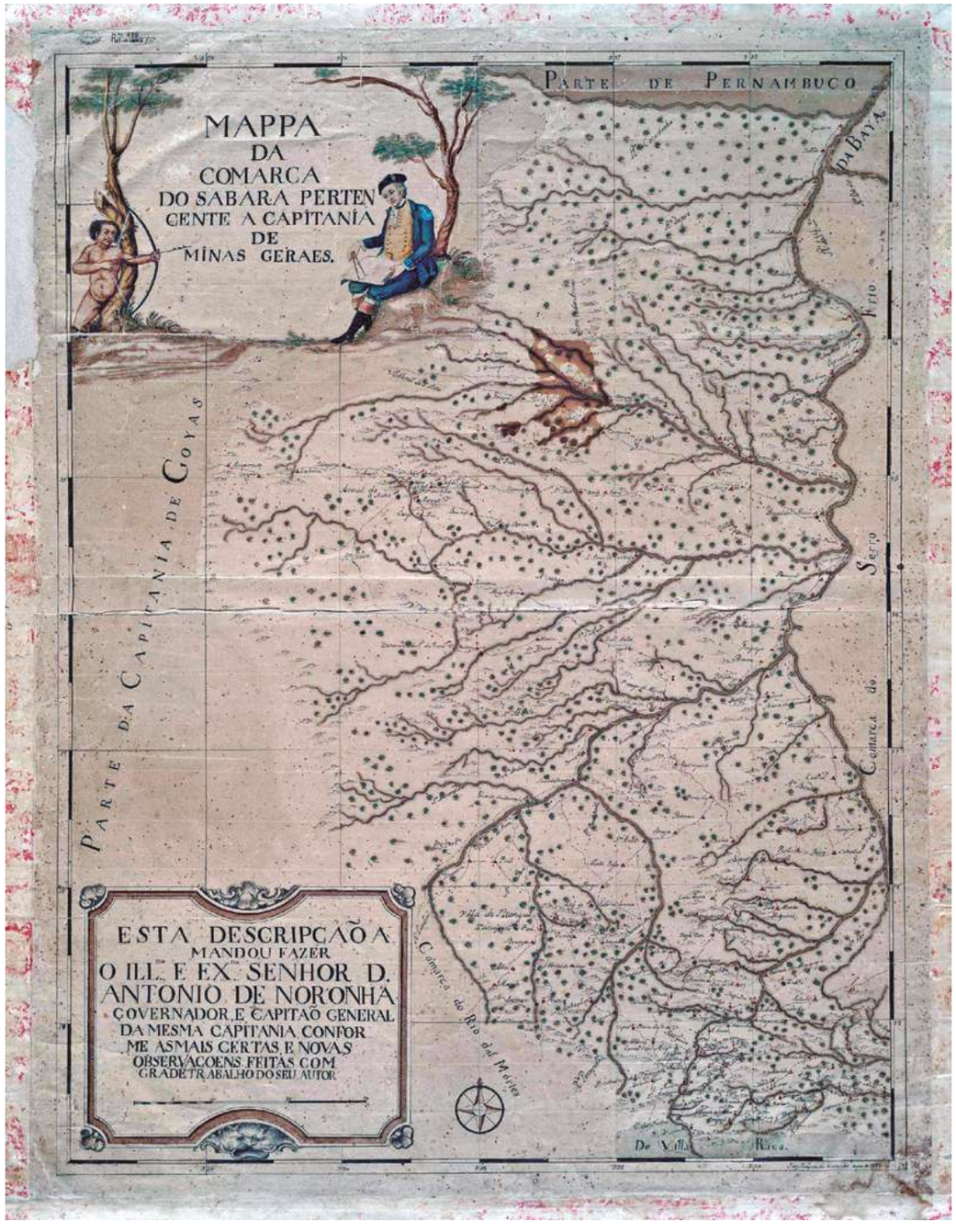




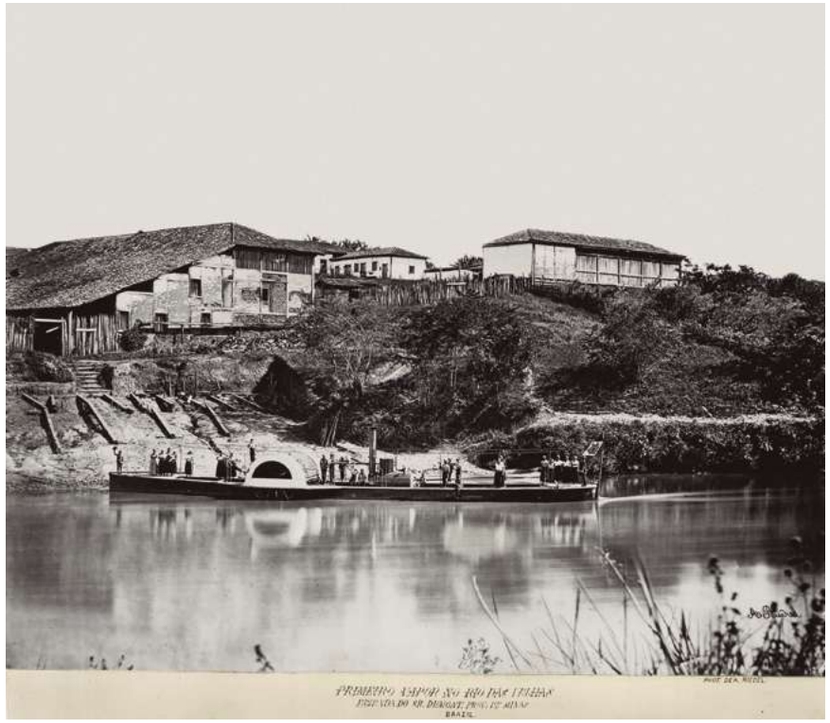
Carta topográfica da Comarca do Rio das Velhas, da Comarca do Serro Frio e da Comarca do Rio das Mortes [Cartas Sertanistas]
Frente e Verso
Século XVIII
Minas Gerais/ Brasil
Biblioteca Nacional



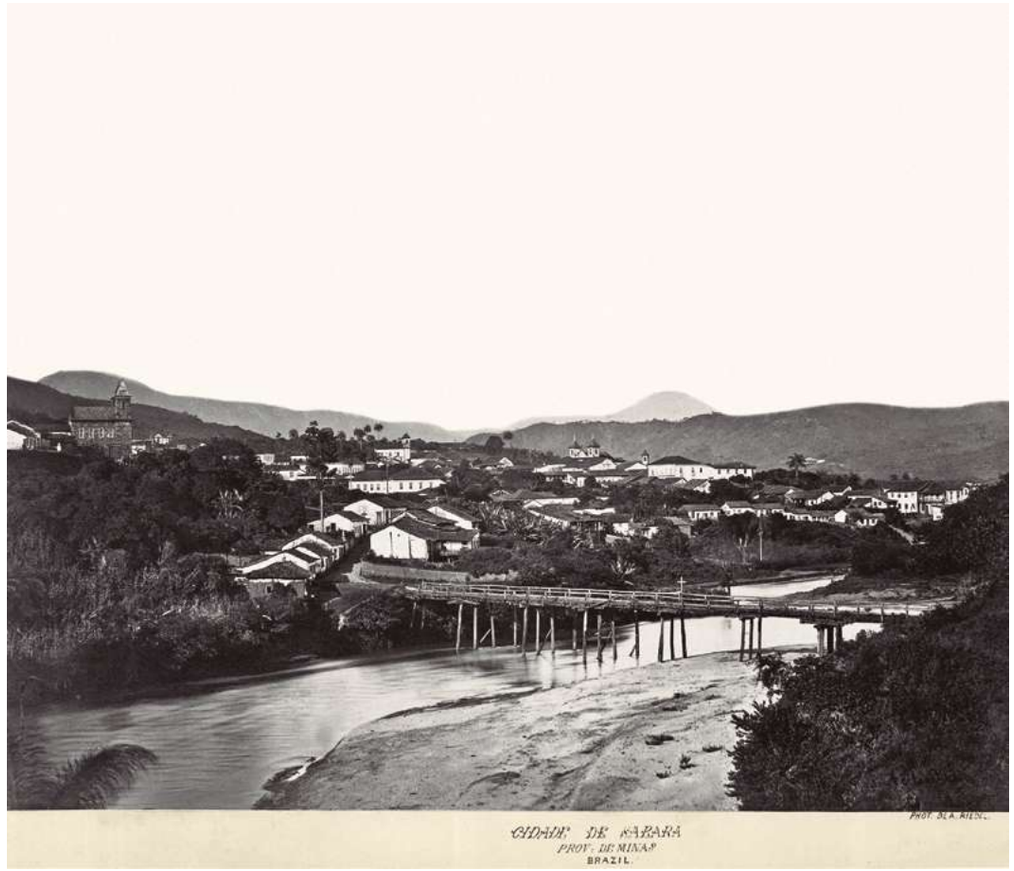
Mappa da Capitania de Minas Geraes
José Joaquim da Rocha
1777
Minas Gerais / Brasil
Coleção Benedicto Otoni / Biblioteca Nacional



Mappa da comarca do Sabará pertencente a capitania de Minas Geraes
José Joaquim da Rocha
1777
Minas Gerais / Brasil
Coleção Benedicto Otoni / Biblioteca Nacional







<

Primeiro vapor no rio das Velhas: Fazenda do Sr. Dumont
Augusto Riedel
1868-1869
Minas Gerais / Brasil
Fotografia P&B
Coleção Thereza Christina Maria / Biblioteca Nacional

<

Cidade de S. Luzia
Augusto Riedel
1868-1869
Santa Luzia / Minas Gerais / Brasil
Fotografia P&B
Coleção Thereza Christina Maria / Biblioteca Nacional

Cidade de Sabará
Augusto Riedel
1868-1869
Sabará / Minas Gerais / Brasil
Fotografia P&B
Coleção Thereza Christina Maria / Biblioteca Nacional



MAPAS

Os mapas são fontes de informação que revelam, por meio de investigações mais cuidadosas, diversos significados. Mas podem, por diversas razões, ser considerados obscuros ou inconclusos. Nenhum detalhe presente em um documento cartográfico, porém, é registrado por mero acaso. Legendas, cores, formatos, nomes, símbolos, fronteiras, elementos naturais registram a relação entre a geografia e a história do Curral Del Rei ao longo dos séculos XVIII e XIX. A cartografia criada ao longo desse período contradiz as versões que o consideravam um velho arraial “perdido no meio do nada”, utilizadas para legitimar a decisão das elites republicanas de “varrê-lo do mapa” e também da história. Lançando um olhar crítico sobre essa produção cartográfica, independente do que seus autores quiseram mostrar ou esconder, e lembrando que ela não corresponde a um espelho fidedigno da realidade, é possível ver (com nossos próprios olhos) o Curral Del Rei na encruzilhada de tempos e espaços.



<

Cartas da Capitania de Minas Gerais
[Cartas Sertanistas]
Século XVIII
Minas Gerais / Brasil
Biblioteca Nacional

Mapa topografico e idrografico da capitania de Minas Geraes: toda esta capitania he coberta de mattas e só nas comarcas do Rio das Mortes, Sabará e Ferro tem manxas de Campo
[Cartas Sertanistas]
Século XVIII
Minas Gerais / Brasil
Biblioteca Nacional

Campo grande

Serra da Canastra

Serra da Parida

Campinas do barbas de Bode

Rio Bambuy

Rio Indaya

Rio Borrachudo

Rio Abaité

Rio Funzal

Rio Serra da Saude

Rio Pardo

Rio Verde

Rio do Peixe

Comarca do Rio das Mortes

Comarca

Rio da Piranga

Rio S. Antonio

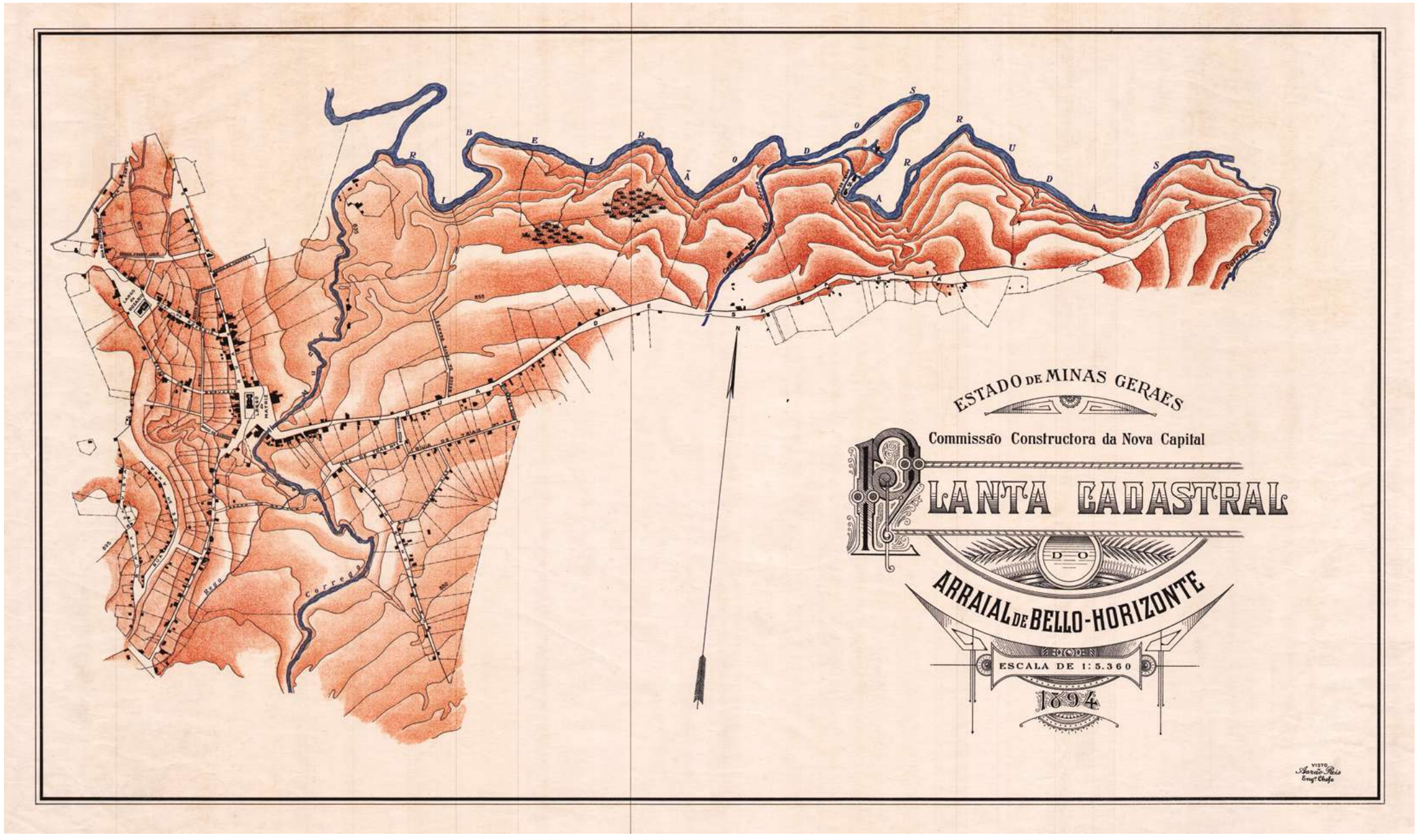
Rio Grande



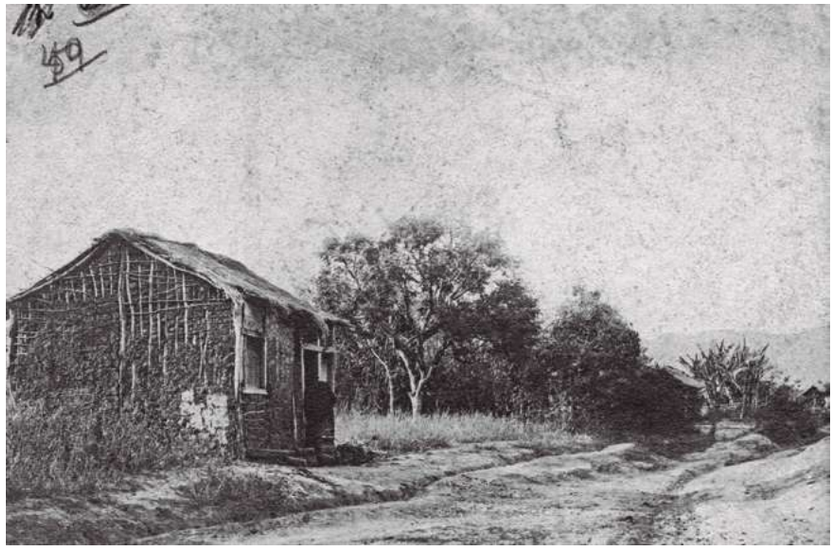
Panorama do Arraial Curral Del Rei [O Cruzeiro]
Émile Rouède
14 de agosto 1894
Arraial Curral Del Rei / Minas Gerais / Brasil
Óleo sobre tela
Coleção Comissão Construtora da Nova Capital/ Acervo MHAB

Faz parte de um conjunto de três pinturas encomendadas pela Comissão Construtora da Nova Capital para registrar a paisagem do arraial antes de sua demolição

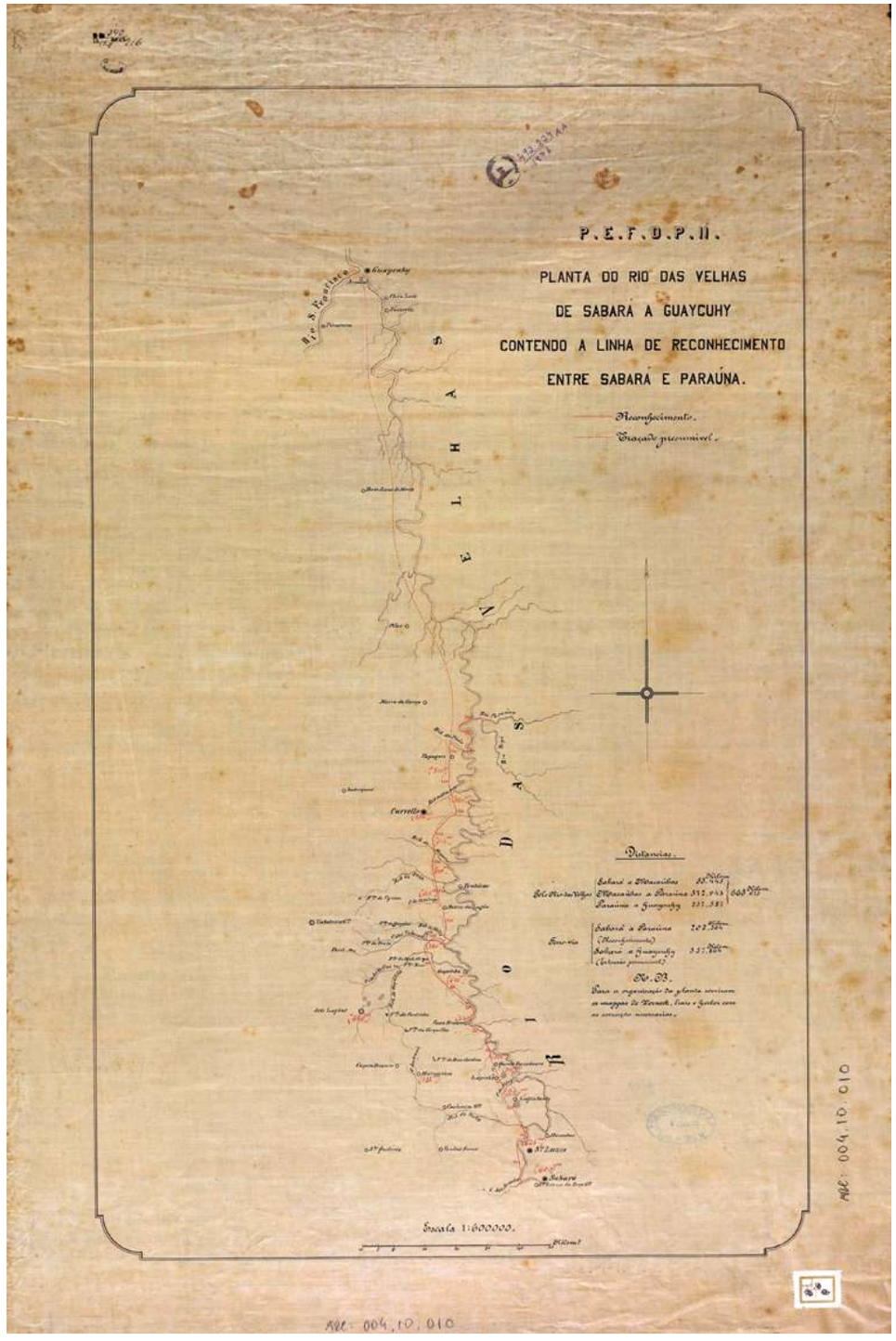

PLANTA GERAL
CAPITANIA
MINAS GERAES



Planta Cadastral do Arraial de Bello-Horizonte
Estado de Minas Gerais Commissão Construtora da Nova Capital / Aarão Reis Engenheiro Chefe
1894
Minas Gerais / Brasil
Escala 1:5360
Coleção Comissão Construtora da Nova Capital / Acervo MHAB



Rua Sabará
1894
Arraial Curral Del Rei / Minas Gerais / Brasil
Fotografia P&B
Coleção Comissão Construtora da Nova Capital / Acervo MHAB



Planta do Rio das Velhas de Sabará a Guaycuhy contendo a linha de reconhecimento entre Sabará e Paraúna Prolongamento da Estrada de Ferro Dom Pedro II (P.E.F.D.P.II)
1882
Minas Gerais / Brasil
Escala 1:600.000
Coleção Biblioteca Fluminense / Biblioteca Nacional



Oratório de Nossa Senhora do Carmo
Final do século XIX
Minas Gerais / Brasil
Técnica Mista
Acervo MHAB

A vida social no Curral Del Rei dependia do mundo natural e da "dança anual do tempo". A seca ou a chuva determinavam os períodos de trabalho e vacância. O ritmo cotidiano era marcado por duas referências fundamentais: o ciclo da natureza e o calendário litúrgico. Seu dia a dia era regido pelas estações do ano e pelos eventos religiosos. A regularidade da natureza e da religião definia as datas da labuta e das festas. Os dois calendários se entrecruzavam, principalmente nas cerimônias em honra de Nossa Senhora do Rosário e da padroeira Nossa Senhora da Boa Viagem. Os vários jeitos de construir seus edifícios, habitar os lares e viver a sociabilidade de ruas, esquinas e largos contam a história do arraial, assim como as chegadas e partidas de viajantes, e as acaloradas disputas políticas que dividiam os seus habitantes em época de eleições. Essas eram formas de integrar a comunidade, constituindo um diálogo ambíguo entre a vida particular e o espaço público que definia os modos de ser, agir e estar no mundo dos curralenses.



Cadeado com chave
Final do século XIX
Minas Gerais / Brasil
Ferro fundido
Acervo MHAB



>

Cristo Crucificado
Autor desconhecido
Século XVIII
Minas Gerais / Brasil
Madeira entalhada,
policromada com douração
Acervo MHAB

Bacia e Gomil
Século XIX
Arraial Curral Del Rei / Minas Gerais / Brasil
Porcelana vitrificada branca com elementos fitomórficos azul-colbato de manufatura inglesa padrão Sobraon estilo flow-blue (azul borrado)
Acervo MHAB

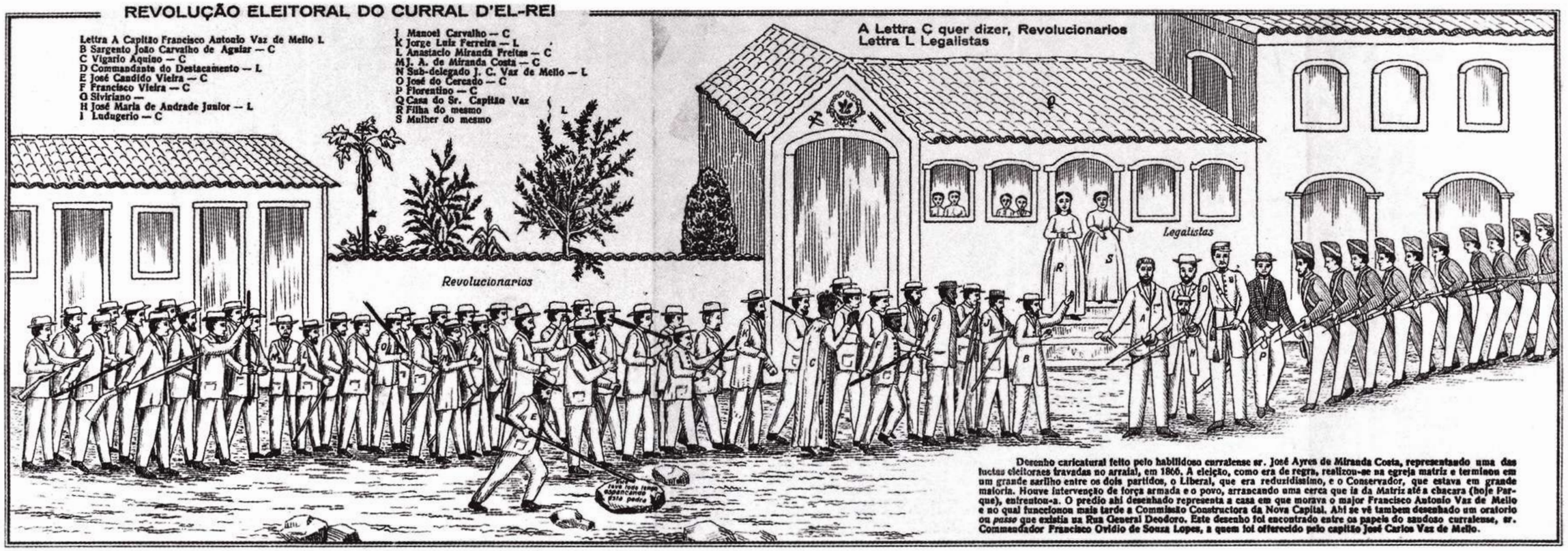




Família Silveira
Gines Géa / Secção de Microfilmagem e Fotografia PBH
1914
Belo Horizonte / Minas Gerais / Brasil
Fotografia P&B
Coleção Belo Horizonte / Acervo MHAB

Tinteiro
Século XIX
Cristal e prata
Doação Família Tassini / Acervo MHAB





Revolução Eleitoral do Curral D'el-Rei (1866)
José Ayres de Miranda Costa
Segunda metade do século XIX
Arraial Curral Del Rei / Minas Gerais / Brasil
Gravura
Reprodução do livro *Bello Horizonte: memória histórica e descriptiva: história antiga* de autoria de Abílio Barreto



Mestre Luiz Daniel Cornélio de Cerqueira (sentado) e Cândido de Araújo
1883
Arraial Curral Del Rei / Minas Gerais / Brasil
Fotografia P&B
Coleção Abílio Barreto / Acervo MHAB

Flautim
Final do século XIX
Corpo em ébano e chaves em metal
Pertenceu a Aurino Moraes / Acervo MHAB

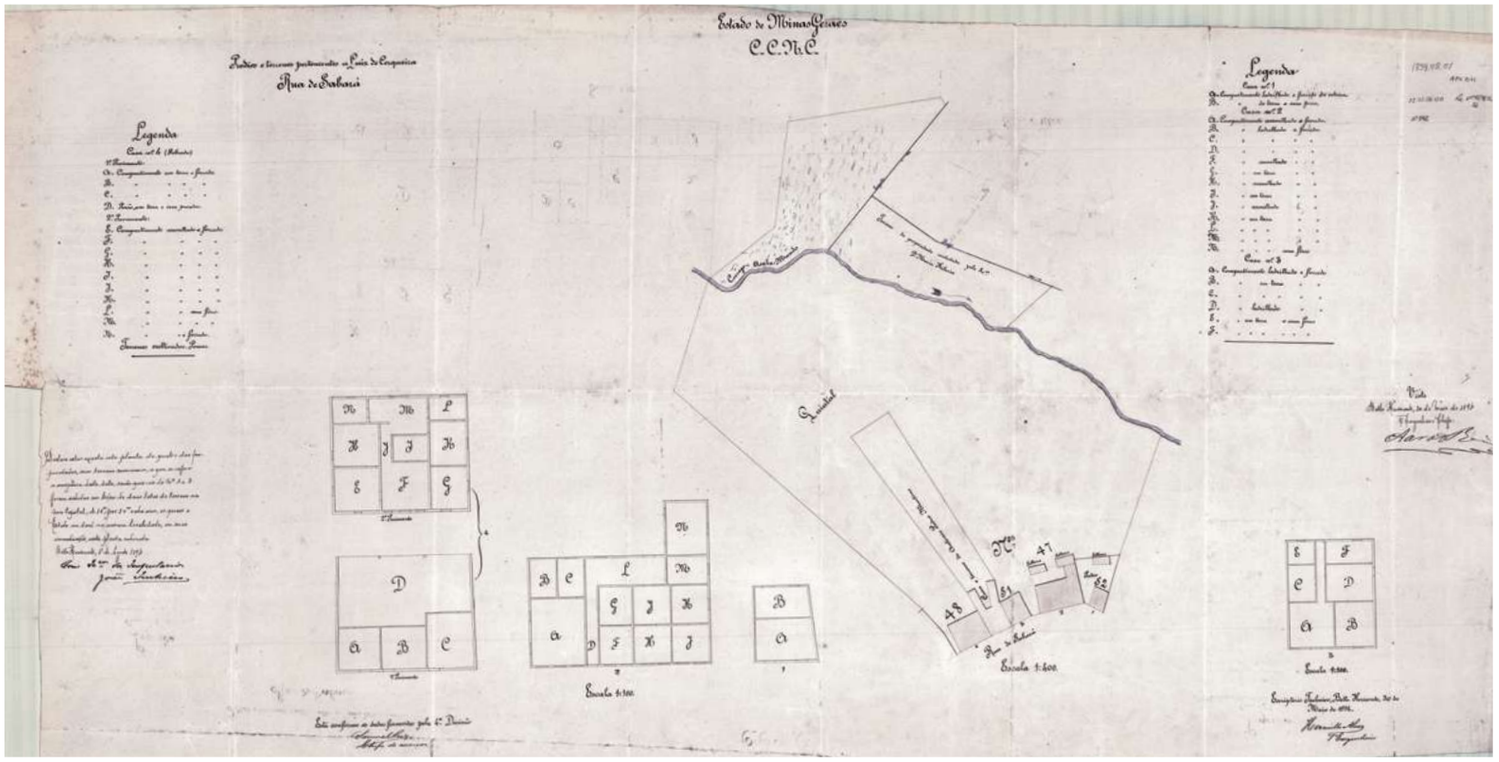


Partitura Litúrgica para 1° Violino
Mestre Luiz Daniel Cornélio de Cerqueira
Final do século XIX
Arraial Curral Del Rei / Minas Gerais / Brasil
Manuscrito em tinta ferrogálica contendo a parte instrumental de violino para o movimento Kyrie. Apresenta pentagramas desenhados com tiralinhas (rastrum) e Notação Musical Ocidental
Acervo MHAB



LUIZ DANIEL CORNÉLIO DE CERQUEIRA

Luiz Daniel Cornélio de Cerqueira, morador da famosa “casa das nove vidraças”, na Rua de Sabará, bem perto do Largo da Matriz, era um dos líderes políticos do Curral Del Rei. Ele atuou também como subdelegado, juiz de paz, guarda-mor, professor, proprietário de terras, dono de curtume e fabricante de vinhos de jabuticaba. No Império, se declarava eleitor do Partido Conservador. Na época, as eleições eram censitárias. Votar e ser votado era direito de poucos. Membro do Clube Republicano, festejou o fim da monarquia, assim que chegaram as notícias do 15 de novembro de 1889. Durante a discussão sobre a mudança do nome “Curral Del Rei”, teve a ideia de renomear o lugarejo de acordo com o panorama natural que enxergava em sua volta: Belo Horizonte. A fama, o poder e o dinheiro não lhe garantiram, porém, um lugar na nova capital. Sentindo-se ultrajado pelo valor oferecido por suas propriedades, mudou-se para o velho Arraial da Venda Nova e nunca mais colocou os pés na cidade que batizara.



pp.82/83

Residência e comércio de Eduardo Edward no Largo da Matriz
1894
Arraial Curral Del Rei / Minas Gerais / Brasil
Fotografia P&B
Coleção Belo Horizonte / Acervo MHAB

Plantas de prédios e terrenos de Luiz Cerqueira na Rua Sabará
Aarão Reis e Hermílio Alves
1894-1901
Fundo Secretaria Municipal de Administração
Acervo Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte

Residência do Dr. Adalberto Ferraz
Autor não identificado
1894

Coleção Comissão Construtora da Nova Capital / Acervo IPHAN
Reprodução



ANCESTRALIDADES

A escravidão é a experiência histórica mais traumática de um país marcado pelo racismo enraizado em nossa sociedade. As travessias das comunidades negras do Curral Del Rei iniciaram-se nas praias africanas ao atravessarem a Caluga Grande: o Atlântico negro. Várias formas de resistência e luta foram empregadas contra a violência vivida durante a diáspora oceânica. Ao longo dos séculos, os escravizados e seus descendentes desenvolveram práticas e ações na defesa de direitos, valores, culturas e memórias. Presente nesse processo desde os primeiros momentos, as religiões de matriz africana constituíram-se como uma forma de enfrentamento ao processo colonizador, interligando o Curral Del Rei com as Áfricas. Segundo antigas narrativas, mulheres e homens capturados no continente eram obrigados pelos portugueses a dar voltas em torno da "Árvore do Esquecimento", para perderem suas ancestralidades antes de embarcarem em navios negreiros. Após esse ritual, os escravocratas esperavam que as lembranças vazias jamais os reconduzissem de volta à terra natal. Nesta sala, convidamos você a fazer o caminho contrário àquele imposto pelo colonialismo eurocêntrico: ao cruzar o "Portal da Memória e Resistência", reencontre consigo e com seu passado ancestral. E lembre-se: "recordar" significa trazer algo ou alguém de volta ao cordis, o coração.

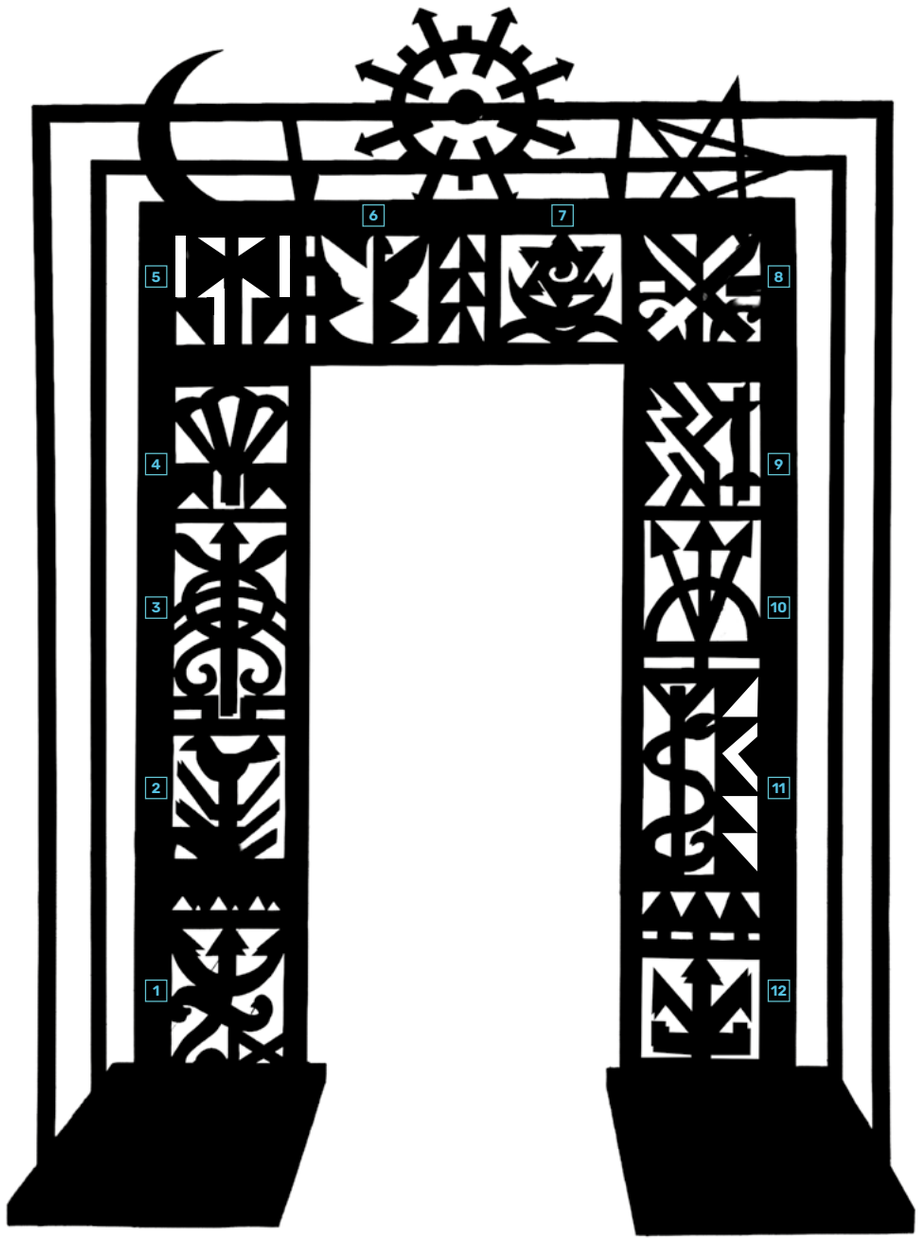


Portal da Memória e Resistência
Jorge dos Anjos
2025
Belo Horizonte / Minas Gerais / Brasil
Chapa de aço recortada



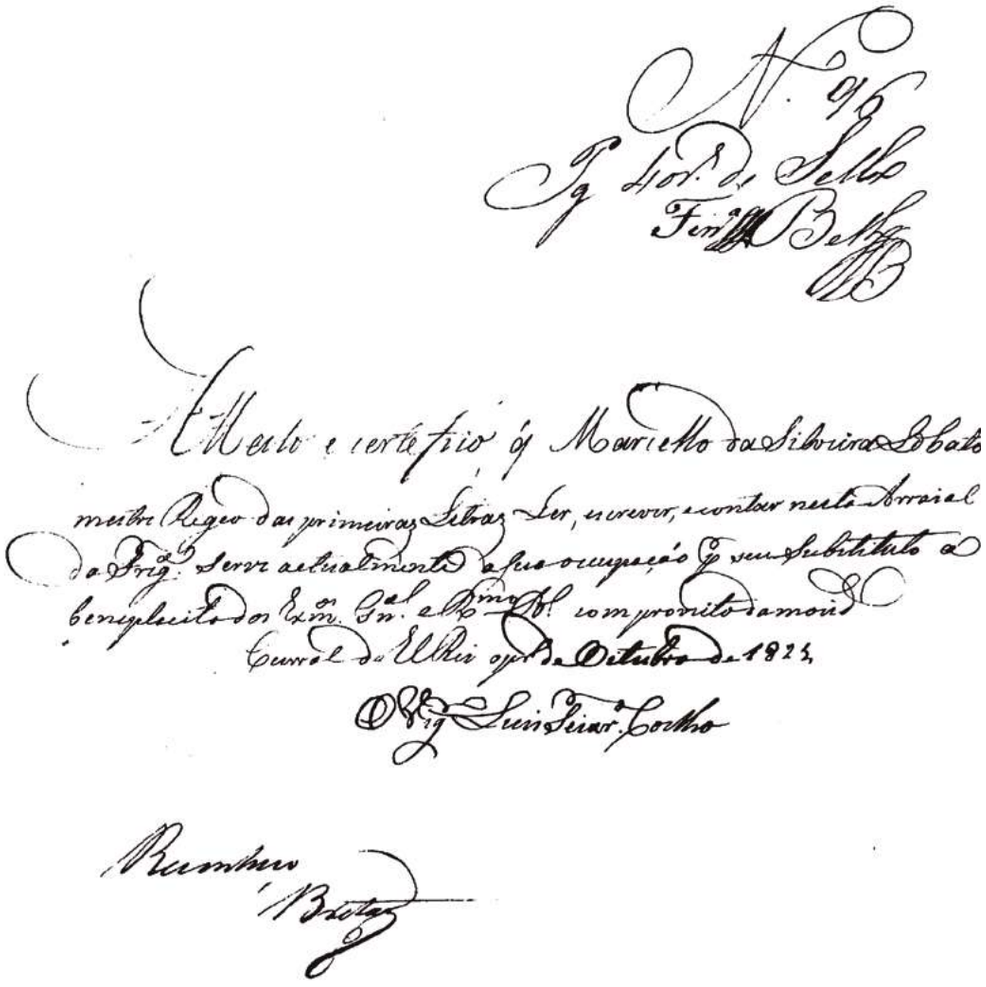
PORTAL DA MEMÓRIA E RESISTÊNCIA

DESCRIÇÃO DESENVOLVIDA POR
Pai Ricardo de Moura



O Portal da Memória e da Resistência sintetiza a reunião dos elementos intelectuais, manuais e minerais, expressando a manifestação da diáspora em atuação transformadora no Brasil. Nele percebemos a relação das forças da natureza com o que é sagrado para a comunidade da diáspora, bem como os reflexos das suas relações com o sagrado e com os conceitos de modos de vida em harmonia com a natureza. O artista Jorge dos Anjos desenvolveu "O Portal da Memória e da Resistência" a partir de iconografias elaboradas em conversas e reflexões com o Pai Ricardo de Moura, Zelador da Casa de Caridade Pai Jacob do Oriente — terreiro de Umbanda no qual estão preservadas tradições da religião e práticas de viver de povos tradicionais de terreiro no interior de Minas Gerais, transmitidas através das gerações da família Moura. Encimando o Portal veem-se os astros: a Lua, o Sol e a Estrela — elementos que mostram que cada força da Natureza e cada Orixá possui seu próprio tempo. Não existe uma lógica linear; existe o respeito ao Tempo de cada manifestação e de cada processo.

1. **Pombagiras ou Mpambu Njila** — Este ícone em forma trifurcada, muito semelhante a um garfo, simboliza o encontro e as transversalidades do caminho. Sua forma arredondada remete às representações das energias femininas — Pombagiras que expressam, nas comunidades, energias que trazem dignidade, autonomia e empoderamento feminino.
2. **Ossain ou Katendê** — Este ícone representa o restabelecimento dos segredos das florestas. Ossain é tido como o senhor conhecedor dos remédios contidos nas ervas e dos mistérios dos encantamentos da mata. Ossain ou Katendê também simboliza a aspersão e a restauração do saber e do segredo.
3. **Oxumaré ou Angorô** — Simboliza a transformação: a serpente que se renova e conecta as duas dimensões, material e imaterial, representadas por este ícone que enlaça serpentes e o arco-íris.
4. **Oxum e Dandalunda** — Este ícone representa o instrumento utilizado por esta divindade e sua ligação com a fertilidade e com a nutrição espiritual e material. O abebê (espelho) também é simbolizado como ferramenta de reflexão e cuidado interno e externo.
5. **Xangô ou Nzazi** — Este ícone representa o machado de dois gumes, instrumento que equilibra as decisões e é associado diretamente à compreensão de justiça.
6. **Oxalá ou Lemba** — Este ícone representa a plenitude. Oxalá, por ser compreendido como uma das entidades mais velhas entre os Orixás, tem condições de trazer serenidade a partir do entendimento.
7. **Iemanjá ou Kayala** — Em seguida, temos os elementos naturais (Lua, estrela e água), representando a relação entre águas, mares e rios. A grande mãe, senhora das águas, cuja relação com os peixes simboliza a vida, a fertilidade e a abundância.
8. **Ogum ou Nkosi** — Este ícone representa o avanço científico e tecnológico marcado pela forja do ferro, criando ferramentas para proteção, caça e cultivo.
9. **Iansã ou Matamba** — Este ícone é uma das representações da energia como agente transformador. O raio e a eletricidade atuam como forças condutoras de ações que possibilitam a mudança de estágios da vida terrena.
10. **Oxóssi ou Mutakalambô** — Este ícone é uma das representações que reforçam o instinto de caça e do caçador. Compreender este símbolo é estabelecer um foco como trajeto de busca pela fartura, abundância e partilha.
11. **Oxumaré ou Angorô** — Neste ícone, a serpente aponta a busca em direção ao raio de sol, assim como o arco-íris necessita da refração da luz (correspondente ao nº 3).
12. **Exú ou Ngira Mavambo** — Este ícone em forma trifurcada, muito semelhante a um garfo, simboliza o encontro e as transversalidades do caminho. Sua forma reticular linear remete às representações das energias masculinas. Exú expressa, nas comunidades, energias que trazem comunicação, troca e lealdade.





TRABALHO

Diz o ditado popular: “quem planta colhe”. No Curral Del Rei, muito se colheu. O significado de lavrar a terra e dela retirar seu “ganha-pão” adquiriu cores variadas e muitos sentidos. O “cultivar a terra” foi uma luta comum pelos meios materiais de subsistência, apesar do resultado desse esforço ser, muitas vezes, injusto e desigual. Não foram poucos os que exerceram profissões ligadas às mais diferentes especialidades, como costureiras, fiandeiras, cozinheiras, professores, juízes de paz, delegados, comerciantes, boiadeiros, açougueiros, carpinteiros, ferreiros, sapateiros, entre outras práticas essenciais para o funcionamento, desenvolvimento e prosperidade do lugar. Os frutos diversos que resultam de uma mesma colheita; a relação entre suas atividades e a renovação da vida; a certeza de que viver é um aprendizado permanente; tudo isso pauta o mundo do trabalho. Ao lavrarem a terra ou se dedicarem a qualquer outro ofício, os curralenses cultivavam a si mesmos, em uma ação contínua que os definia como sujeitos dotados de cultura. O cultivo é sempre incompleto e transitivo, pois todo novo dia é de trabalho, assim como todo fim de plantação sinaliza o próximo recomeço.

p.96

Atestado emitido pela Província de Minas Gerais comprovando que Marcello da Silveira Lobato tem exercido seu ofício de Mestre Régio (professor) das primeiras letras na pessoa se seu substituto em Curral del Rei assinado pelo vigário local Luís Teixeira Coelho
1825
Arraial Curral Del Rei / Minas Gerais / Brasil
Coleção Casa dos Contos / Biblioteca Nacional

Transcrição "N.º 93 Ig.ˆ{cio} Ant.ˆo de Sette Fer.ˆ{ra} Balth.ˆr VB - Atesto e certifico q. Marcello da Silveira Lobato mestre Regio das primeiras Letras de ler, escrever, e contar neste Arraial da Freg.ˆ{ia} serve actualmente a sua occupação p.ˆ{or} seu Substituto a beneplacito do Ex.ˆ{mo} Sn.ˆ{r} Gal. e R.ˆ{mo} B.ˆ{po} com proveito da mocid.ˆ{de}. Curral d'ElRei 07 de Outubro de 1825. O Vig.ˆ{ro} Luiz Fer.ˆ{ra} Coelho. Recebi A Basto"

p.97

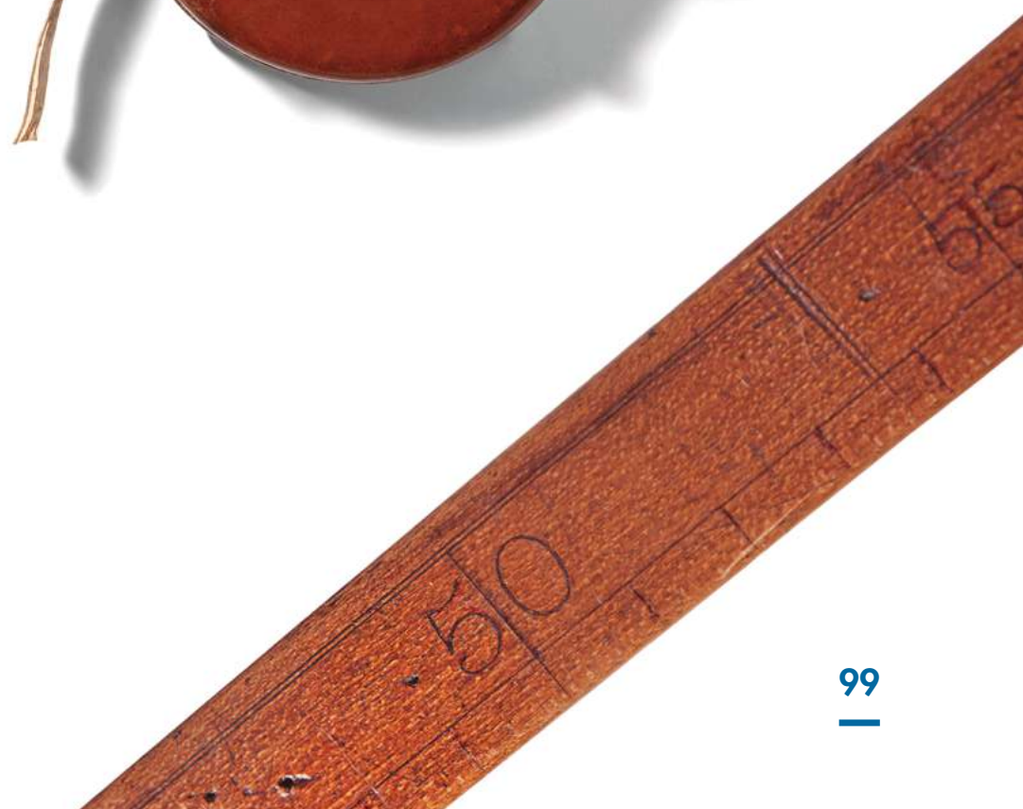
Campainha Escolar
1830
Ferro fundido
Pertenceu à primeira escola primária do Arraial Curral Del Rei organizada pelo Conselho da Província de Minas Gerais em 1828 para atender 87 crianças, cujos primeiros professores foram Marcello da Silveira Lobato e João Moreira da Silva
Acervo MHAB



Metro
Final do século XIX
Madeira e metal
Escala métrica a cada 5 cm
Utilizada em loja comercial no Arraial Curral Del Rei de José Inácio Pereira da Fonseca
Coleção Abílio Barreto / Acervo MHAB



Trena 20 metros
Final do século XIX
Em estojo circular de couro marrom com fita de aço graduada, manivela dobrável de latão e anel de puxada da marca inglesa Chesterman Sheffield.
Pertenceu a Américo Macedo, engenheiro da Comissão Construtora da Nova Capital
Coleção Comissão Construtora da Nova Capital / Acervo MHAB







Roda de Fiar
Século XVIII
Madeira, couro e metal
Procedência da Fazenda do Cercado,
local de origem de ocupação do
Arraial Curral Del Rei
Acervo MHAB

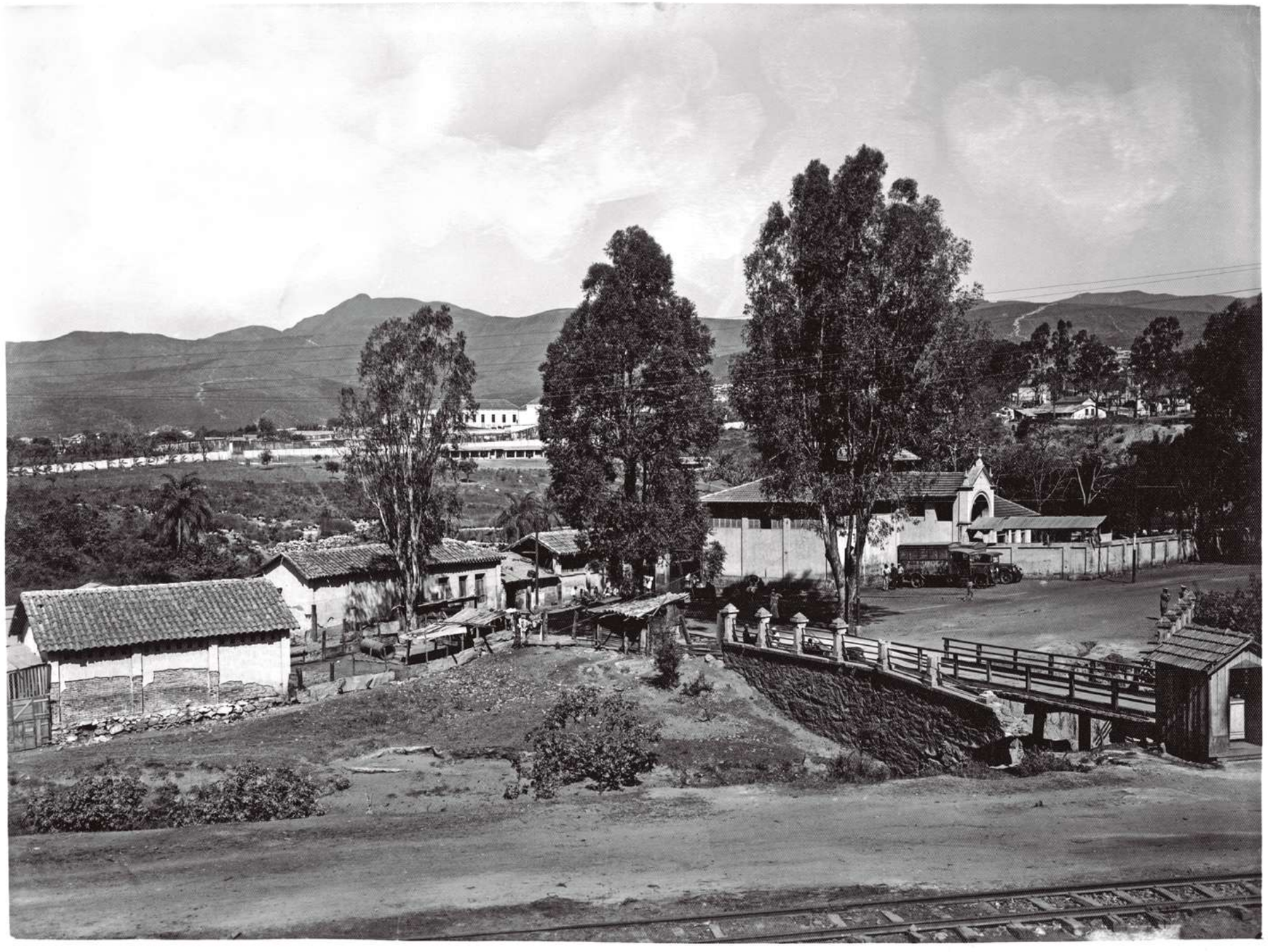


Máquina de costura manual à manivela
Segunda metade do século XIX
Ferro fundido
Acervo MHAB


MATERIAL DE CONSTRUCÇÃO
E VIA FERREA PORTATIL
FERRO, AÇO, FERRAGENS, TINTAS, OLEOS para MACHINAS
MACHINISMOS para LAVOURA E INDUSTRIA

pp.104/105

Estabelecimento comercial do Sr. Trompowsky
1896
Arraial Curral Del Rei / Minas Gerais / Brasil
Fotografia P&B
Coleção Comissão Construtora da Nova Capital / Acervo MHAB



Matadouro antigo
1894 - 1900
Álbum Aspectos do Arraial Curral Del Rei e do Início de Belo Horizonte
Arraial Curral Del Rei / Minas Gerais / Brasil
Fotografia P&B
Coleção Belo Horizonte / Acervo MHAB



Canga
Final do século XIX
Minas Gerais / Brasil
Madeira esculpida (corpo principal de um único tronco) e Cromo (couro curtido)
Utilizada para prender dois animais de tração — comumente bois — a uma carroça, arado ou outro engenho de transporte e trabalho rural.
Acervo MHAB

Conjunto de apetrechos rurais voltados para o controle, a condução e a tração de cavalgaduras, desempenhando funções complementares na rotina de montaria. A espora era acoplada ao calçado do cavaleiro para incitar e dar comandos de impulso ao animal montado; o freio operava diretamente na boca da cavalgadura, acoplado às rédeas, para direcionar o rumo e a velocidade do deslocamento e a focinheira atuava no focinho do animal para auxiliar no controle, reter mordidas ou fixar a estrutura da cabeçada.



Espora
Século XIX
Arraial Curral Del Rei /
Minas Gerais / Brasil
Ferro fundido
Doação Família Tassini /
Acervo MHAB





Freio Animal
Século XIX
Arraial Curral Del Rei /
Minas Gerais / Brasil
Ferro fundido
Doação Família Tassini /
Acervo MHAB

Focinheira
Século XIX
Arraial Curral Del Rei /
Minas Gerais / Brasil
Ferro fundido
Doação Família Tassini /
Acervo MHAB



A NOITE E SEUS MEDOS

Durante o dia, a maioria das pessoas segue o percurso banal que vai da casa ao local de trabalho e vice-versa. Parar na porta de um armazém para tomar um cafezinho ou uma dose de cachaça também fazia parte desse cotidiano. Quando chega a noite, lugarejos como o Curral Del Rei, à margem da modernidade, caem no breu, ganhando outros habitantes a perambular livremente pelas ruas e esquinas. Os mistérios noturnos nos colocam geralmente diante da situação de limiar própria da indistinção entre sono e vigília; sonho e realidade; certeza e imaginação; sagrado e profano. A solidão das horas mortas transforma ambientes familiares e seguros em cenários soturnos, ameaçadores e perigosos. As sombras favorecem o intercâmbio dos sentidos humanos com o sobrenatural. Sons enigmáticos cortam o silêncio. Sua atmosfera de confusão oferece resistência aos imperativos do mundo tedioso do dia, onde as “luzes-certezas” demarcam o cotidiano racional, clareando as formas racionais de organização da realidade. Já nas noites de pavor, são as estrelas as únicas a brilhar no céu do acaso, porém, sem qualquer inteligibilidade. Em seu lugar, reina o medo.



Candeia de azeite
Século XIX
Arraial Curral Del Rei /
Minas Gerais / Brasil
Ferro fundido. Com reservatório para o acondicionamento de azeite de oliva ou óleos de origem vegetal e animal. Possui uma pequena estrutura de calha para sustentação e apoio do pavio e haste superior para permitir tanto o transporte quanto o apoio em paredes ou suportes verticais.
Acervo MHAB



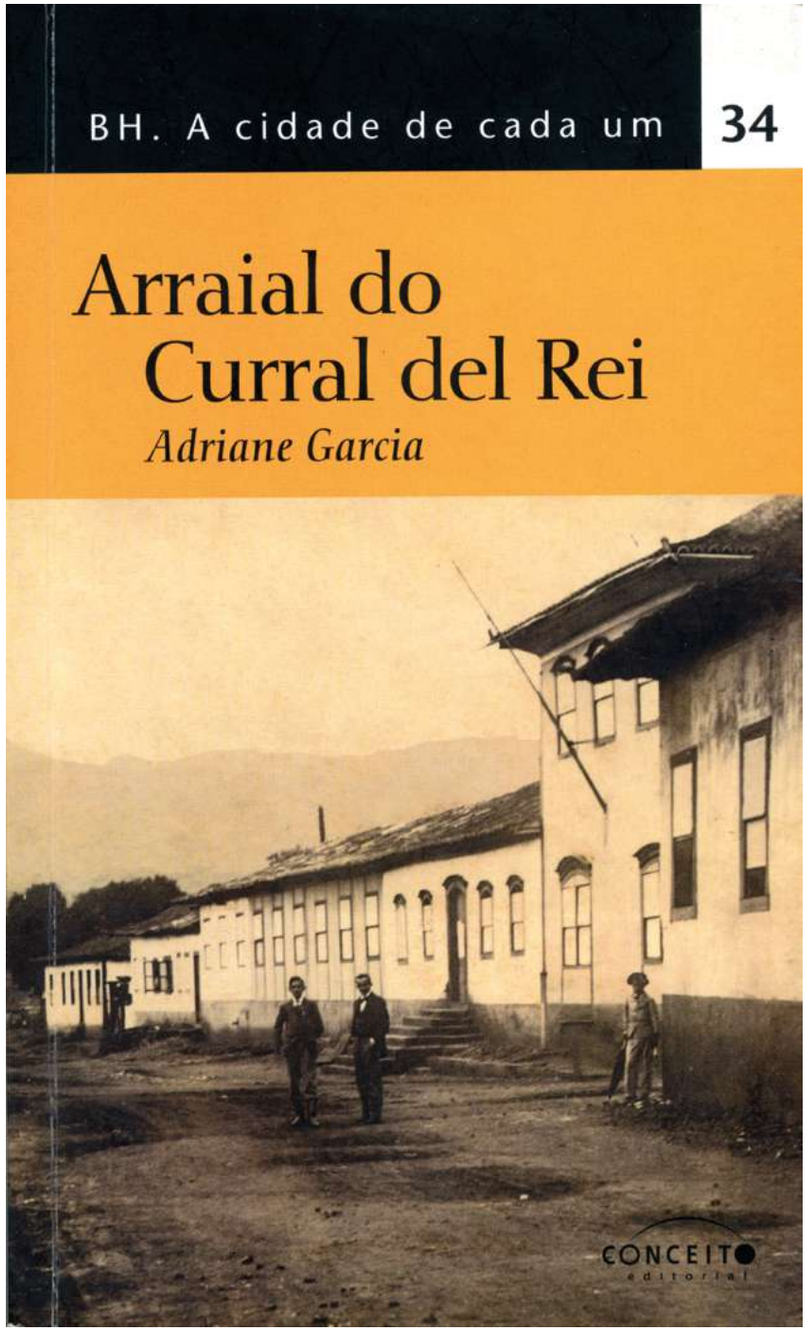
Lampião
Final do século XIX
Arraial Curral Del Rei /
Minas Gerais / Brasil
Latão fundido e repuxado. Possui reservatório abaulado para querosene equipado com botão regulador de pavio e bocal da marca belga Lempereur & Bernard (falta chaminé de vidro). Pertenceu a Aarão Reis, engenheiro-chefe da Comissão Construtora da Nova Capital
Doação Família Tassini / Acervo MHAB



Candelabro
Século XVIII
Arraial Curral Del Rei / Minas Gerais / Brasil
Liga metálica amarela (latão/bronze) fundida, prensada, recortada e cinzelada, com elementos estruturais internos em ferro. Candelabro de mesa para iluminação por velas, ornamentava um dos altares da antiga Igreja Matriz da Boa Viagem.
Acervo MHAB

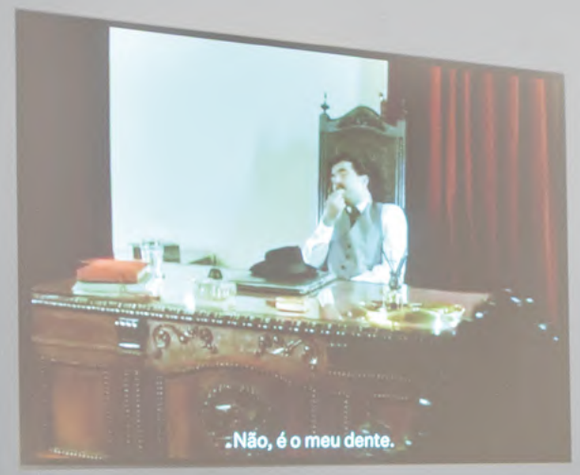


Lanterna
Final do século XIX
Arraial Curral Del Rei / Minas Gerais / Brasil
Metal martelado, moldado, recortado e soldado. Utilizada na iluminação pública do Arraial Curral Del Rei nos últimos anos do século XIX.
Acervo MHAB



NARRATIVAS FICCIONAIS

A imaginação cultural brasileira é uma das mais importantes matrizes de interpretação não apenas da realidade à nossa volta, mas também da história do nosso país. Por meio da narrativa ficcional, escritores, compositores, cineastas, dramaturgos, poetas e artistas plásticos, entre muitos outros, assumem a perspectiva do historiador, buscando elevar os feitos humanos ao alcance da imortalidade, pois, se as experiências vividas no presente são perecíveis, as lembranças que habitam a arte se tornam imortais. As faces do Curral Del Rei reinventadas nessas obras são várias, diversas, plurais, dissonantes, contraditórias. Ao recordar o arraial e a vida de seus moradores pelas linguagens da cultura popular, a ficção recria as vivências fugidias do passado ameaçadas pelo tempo. Estamos diante da ação imaginativa vinculada à vontade humana de construir memórias coletivas capazes de criar sentimentos de pertencimento a um lugar com origens e destinos comuns contrapostas à concepção de vida individualista baseada na busca de interesses privados que marca a sociedade contemporânea.


.Não, é o meu dente.

Relação do acervo musical, disponibilizado na exposição para a escuta do público, contendo algumas composições de música popular produzida em Belo Horizonte, que manifestam a reinvenção e preservação da memória coletiva do antigo Arraial do Curral Del Rei.

A cidade é nossa casa
BLOCO PIRATAS DA PEDRO II. M. do C. P. Dias; J. do Cavaco; H. Mendonça. (Compositores) In: Carnaval Brilhante. Belo Horizonte: JG, 1987. Disco Sonoro. Lado B, Faixa 5.

"Emoldurada / Pela Serra do Curral / Onde o sol se faz poente / E cai a tarde mansamente / No horizonte belo sem igual / Ai que saudade / Do arraial que Silva Ortiz fundou / E Bias Fortes ontem festejou / Inaugurando a capital felicidade"

Comunidade Negra e o Rei Tambor (música)
DONA ELISA. Dona Elisa; G; Mello (Compositores). In: Diploma da Vida. Belo Horizonte: Centro Mineiro de Cultura, 2020.
Faixa 12.

"Sou da paz, eu sou Umbanda, / Pretos velhos, Saravá! / Odoyá, Odoyá na Pampulha, / Que beleza a festa de Iemanjá / Comunidade negra de Belô / Curral Del Rei, / Que rei que é? / É o rei, é o rei / É o rei tambor / Que na Avenida/ Vem mostrar o seu valor"

Exaltação a Belo Horizonte (música)
G.R.E.S. CANTO DA ALVORADA.G. Magnata; P. Magnata; W. Magnata. (Compositores) In: Carnaval Brilhante. Belo Horizonte: JG, 1987. 1 Disco Sonoro. Lado A, Faixa 5.

"Mil setecentos e um / João Leite povoava o Cercado / Arraial abençoado por Nossa Senhora / da Boa Viagem do Curral Del Rei / E feito o que era prometido / Aarão Reis foi escolhido / E construiu a capital"

Curral Del Rei (música)
GRUPO GALPÃO. T. Rescala. (Compositores) In: Um trem chamado Desejo / Um Moliere Imaginário. Belo Horizonte: Independente, 2001. 1 CD. Faixa 26.

"Curral Del Rei / É o meu rincão / É o luar / Do meu sertão / Aguadeiros tem / Violeiros tem / Cachoeiras, / Aqui tem também / Tem tropeiros tem, / Tem vaqueiros tem / Tem nascentes / Aqui tem também..."

Curral Del Rei (música)
MARIANA NUNES & VITOR SANTANA. V. Santana (Compositor). In: Abra Palavra. Belo Horizonte: Via Sonora, 2004. 1 CD. Faixa 11.

"Jorra um córrego em mim / De ouro, diamantes, / Pedras vivas de sabão / Distante dos mares / Da mata é o coração. / Sou do Curral Del Rei / Do Curral Del Rei / Do Curral Del Rei"

Clube da Esquina (música)
MILTON NASCIMENTO. M. Nascimento; M. Borges; L. Borges. (Compositores) In: Milton. Rio de Janeiro: EMI-Odeon, 1970. CD, Faixa 4.

"No claro do dia / O novo encontrarei / E no Curral Del Rei / Janelas se abram / Ao negro do mundo lunar / Mas eu não me acho perdido / No fundo da noite partiu minha voz"

Memória das Minas (música)
TRINDADE. Nivaldo Ornellas; Márcio Borges. (Compositores). In: Trindade, Curto Caminho Longo. Rio de Janeiro: Som livre. 1 LP. Faixa 04.

"Lá no Curral Del Rei / Quem falou morrer / Quis, talvez, pedir / Calma"

Exemplares da produção literária e audiovisual feita em Belo Horizonte, disponibilizados na exposição, para leitura, audição e visualização, que expressam e articulam a memória coletiva do antigo Arraial do Curral Del Rei.

Beira-mar (livro)
Pedro Nava
1973
Literatura Memorialista / autobiografia
Acervo particular

Os olhos de Aarão (livro)
Cely Vilhena
1988
Poesia / poesia historiográfica
Acervo particular

Caso oblíquo (livro)
Beatriz de Almeida Magalhães
2009
Prosa de ficção narrativa / Conto
Acervo particular

A noiva do tropeiro: romance de costumes mineiros (livro)
Abílio Barreto
1951
Romance / literatura de costumes
Coleções Bibliográficas especiais / Acervo MHAB

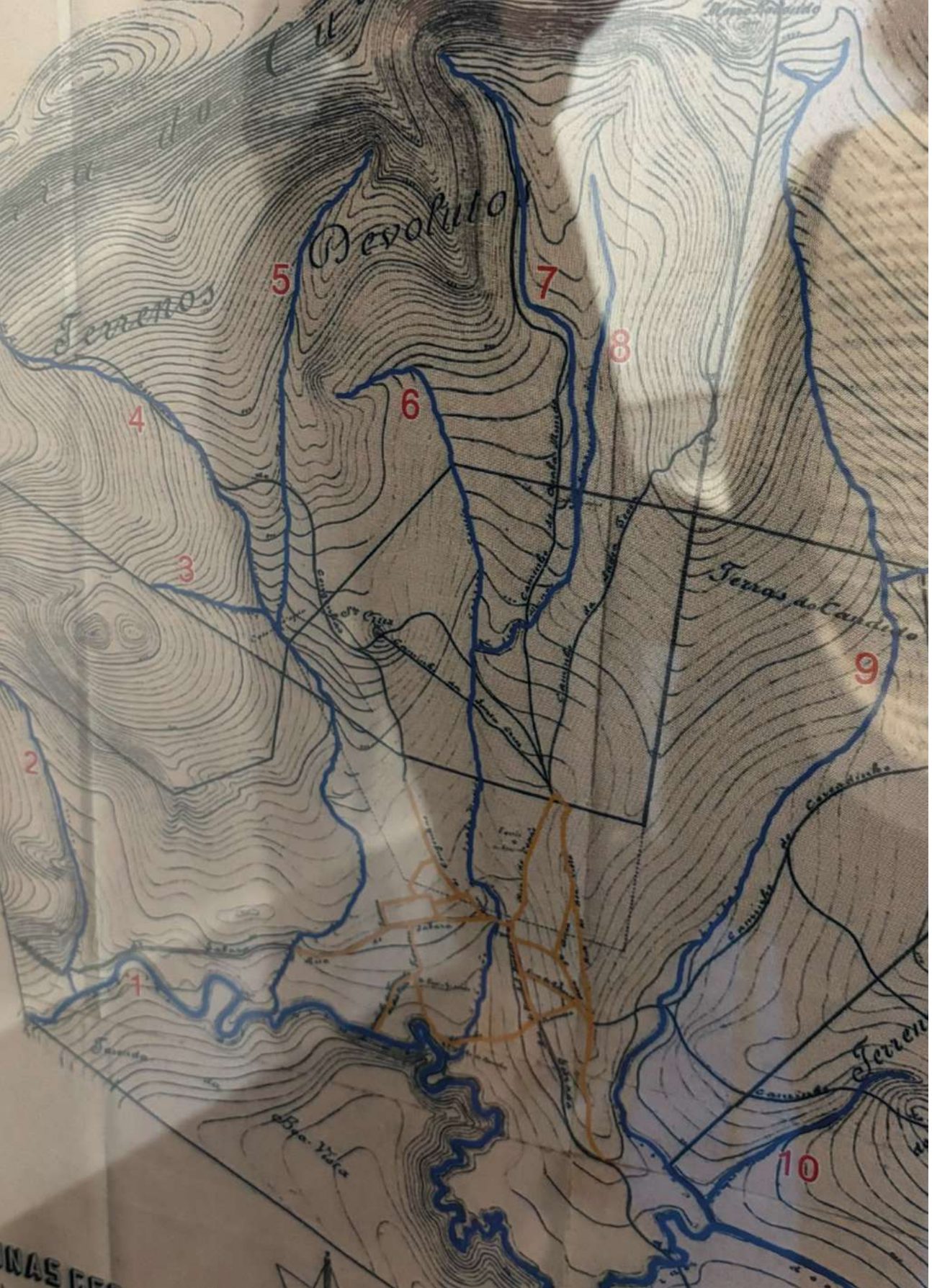
Belo Horizonte: do arraial à metrópole – 300 anos de história (livro)
José Maria Rabelo
2013
Historiografia / ensaio histórico
Acervo particular

História da origem de Belo Horizonte (livro)
Lacarmélio Alfêo de Araújo
2011
Historiografia popular / literatura em quadrinhos
Acervo particular

Arraial do Curral del Rei: desmemória dos bois (livro)
Adriane Garcia
2019
Poesia contemporânea
Acervo MHAB

Um Molière imaginário / Um trem chamado desejo (trilha sonora de espetáculos teatrais)
Grupo Galpão
2001
Compact Disc. 32 faixas.
40 min.
Acervo particular

Ruas ilustres (audiovisual)
Alexandre Perdigão (direção e idealização)
2007
Belo Horizonte / Minas Gerais / Brasil
Documentário histórico cultural sobre a Fundação de Belo Horizonte, transição do Arraial do Curral Del Rei para a nova capital planejada e a biografia das personalidades que dão nome às vias da cidade.

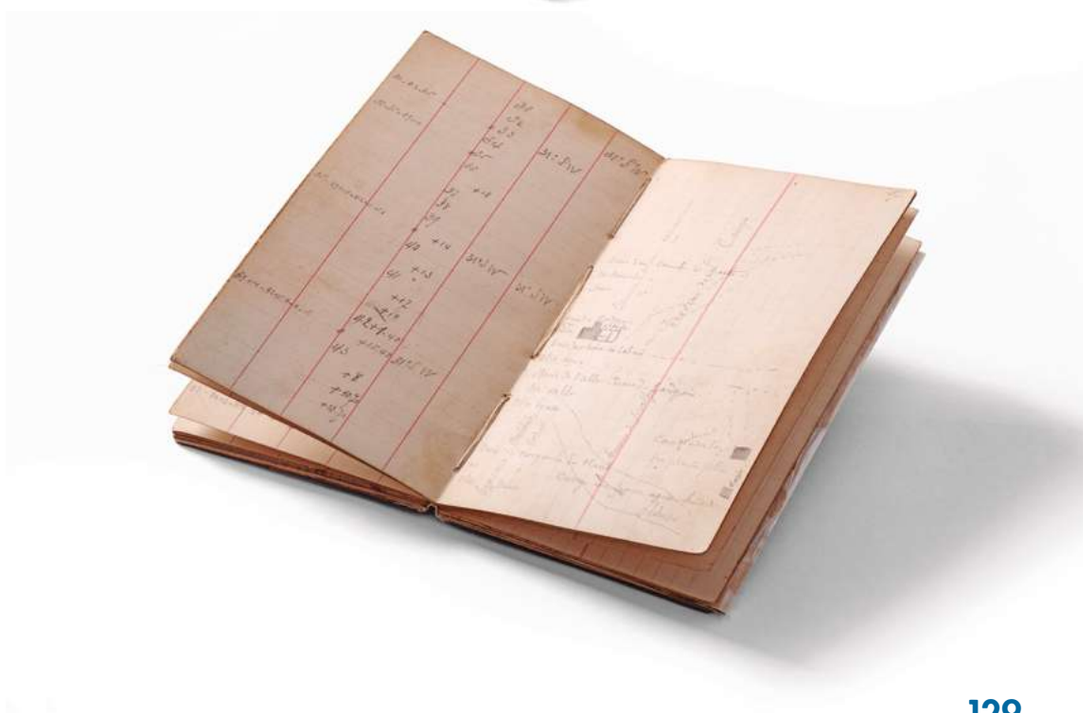


PERMANÊNCIAS

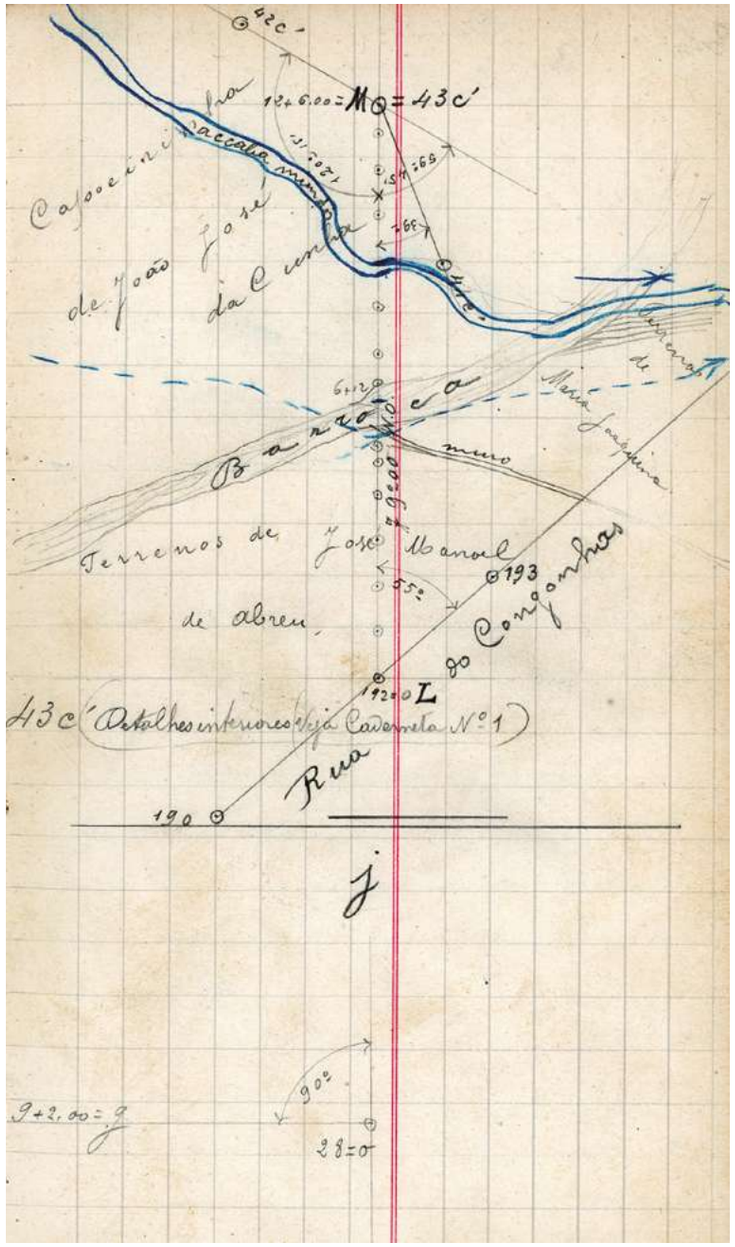
Na metrópole, a rua é o lugar privilegiado para a observação da vida urbana. Ao passear por ela, uma visada mais atenta cria métodos variados de leitura e interpretação da cidade. Em seus matizes, é possível descobrir vários tempos e espaços em diálogos simultâneos com a vida de seus habitantes. Perder-se no caminho ou pegar um desvio pode nos colocar diante de experiências diversas numa mesma esquina. Isso porque a cidade vai além de sua própria materialidade, pois é revestida por lembranças e sonhos tão reais quanto a pedra e a cal que lhe garantem suas formas físicas. Basta estar atento aos vestígios, pistas, rastros e fragmentos, com os quais é possível desvendar as "memórias clandestinas" do Curral Del Rei presentes em Belo Horizonte ainda hoje. Elas são capazes de transformar o presente em um campo aberto, poroso e lacunar, composto por resquícios de passado e possibilidades de futuro. Para conhecê-las, basta estar atento a alguns sinais que permanecem vivos, mesmo com o passar do tempo: a Serra do Curral, os rios invisíveis e o Casarão da velha Fazenda do Leitão são algumas testemunhas dessa história.

Cadernetas de Campo
Comissão Construtora da Nova Capital
1894 -1898
Arraial Curral Del Rei / Minas Gerais / Brasil
Registros manuscritos em forma de rascunho, produzidos por topógrafos e equipes da Divisão de Estudos e Preparo do Solo, contendo dados métricos, numéricos e descritivos sobre relevo, bacias hidrográficas e flora onde estava localizado o Arraial Curral Del Rei para a construção de Belo Horizonte.
Coleção Comissão Construtora da Nova Capital / Acervo MHAB

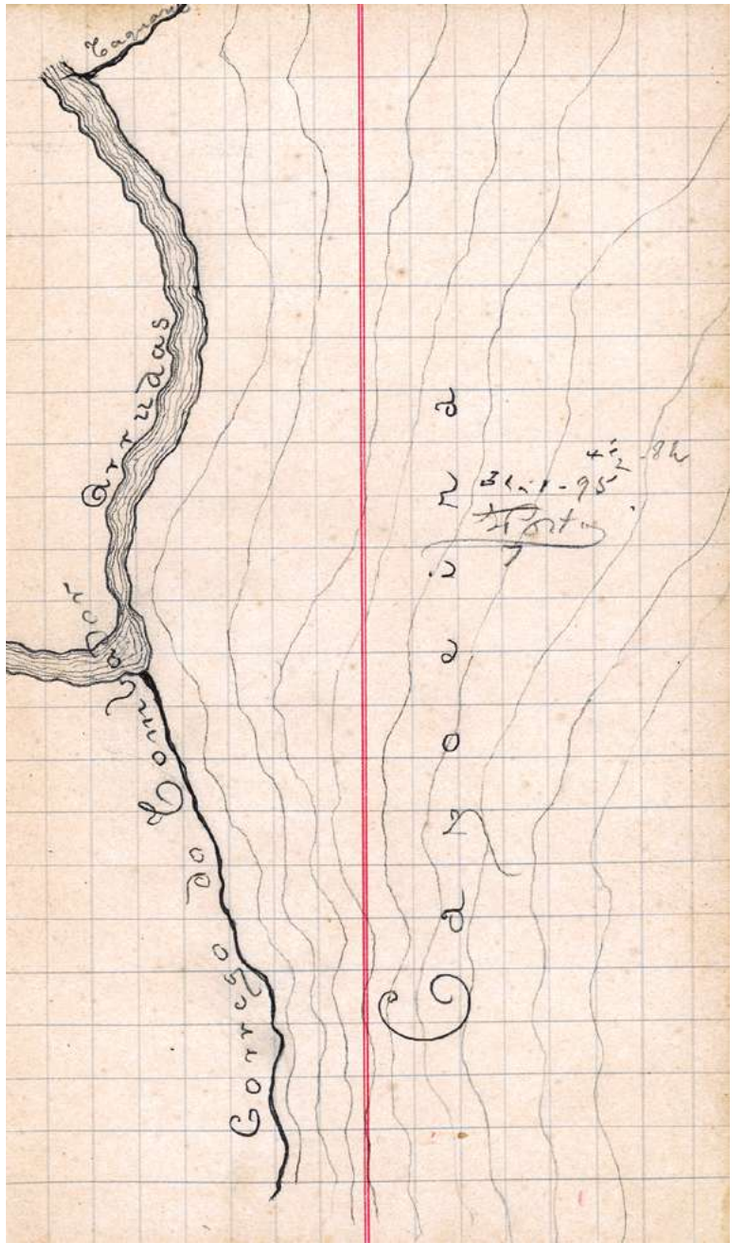




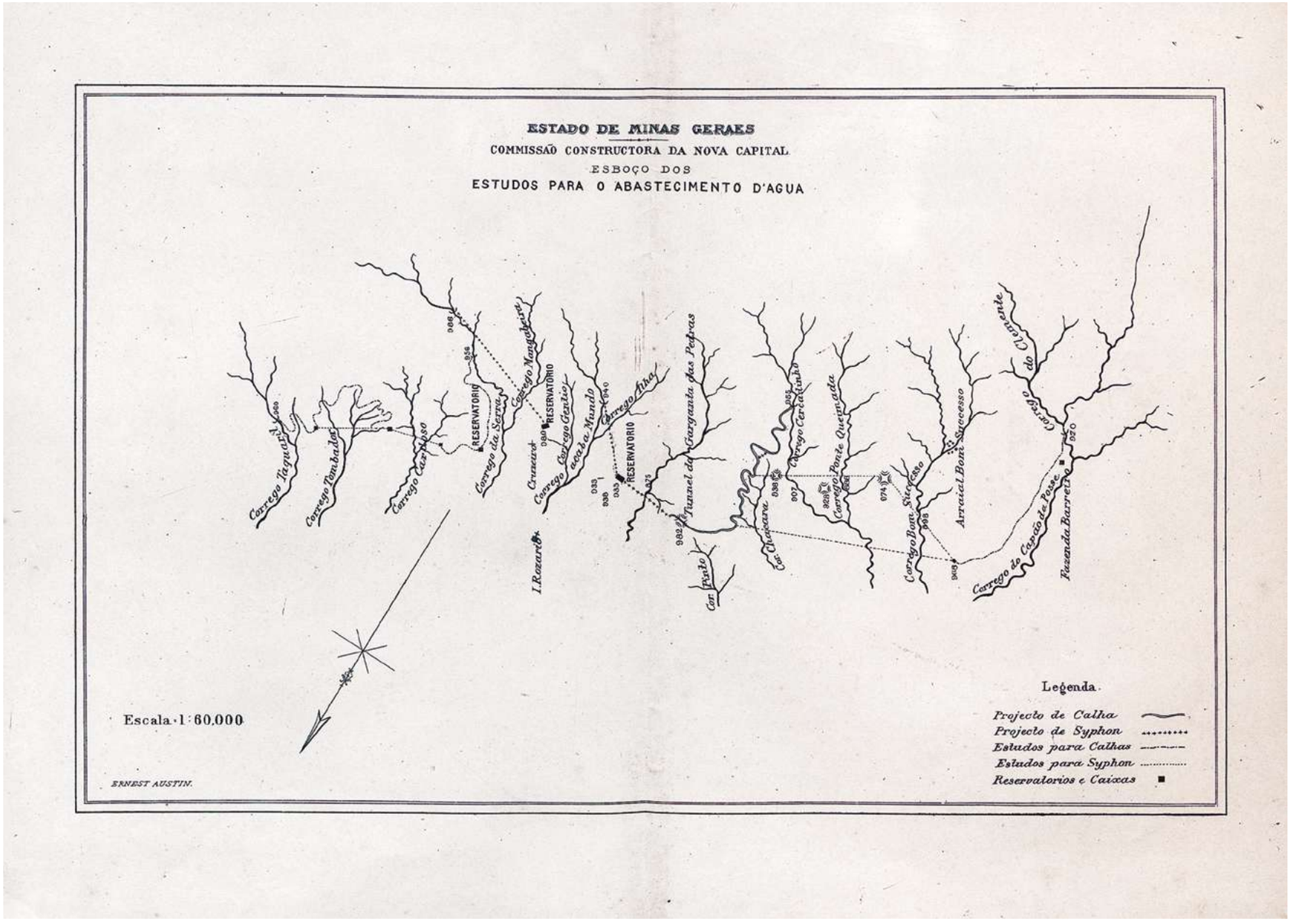




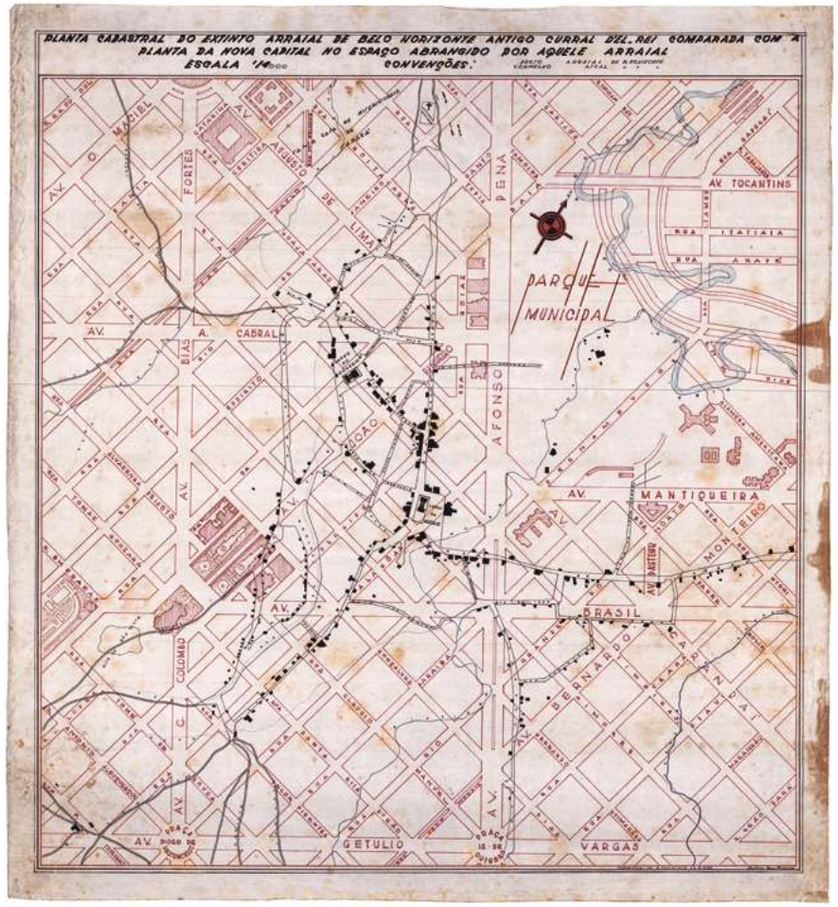
Córrego do Acaba Mundo nas proximidades da Rua Congonhas
Noel Pedro Sicard
2 de junho de 1894
Arraial Curral Del Rei / Minas Gerais / Brasil
Coleção Comissão Construtora da Nova Capital / Acervo MHAB
[CC.DT.02-040]



Foz do Córrego Taquaril no Ribeirão Arrudas
Américo Rocha
19 de setembro de 1894
Arraial Curral Del Rei / Minas Gerais / Brasil
Coleção Comissão Construtora da Nova Capital / Acervo MHAB
[CC.DT.02-388]



Esboço dos estudos para o abastecimento D'água
Estado de Minas Gerais / Commissão Constructora da Nova Capital
Revista Geral dos Trabalhos
Desenhista Ernest Austin
1895
Escala 1: 60.000
Belo Horizonte / Minas Gerais / Brasil
Coleção Comissão Construtora da Nova Capital / Acervo MHAB



Planta Cadastral do extinto Arraial de Belo Horizonte, antigo Curral Del Rey, comparada com a planta da nova capital no espaço abrangido por aquele Arraial
Prefeitura de Belo Horizonte
Desenhista Américo Monteluma
26 de maio 1945
Escala 1:4.000
Belo Horizonte / Minas Gerais / Brasil
Acervo MHAB

> pp.138/139

Neblina Matinal de Belo Horizonte
Maria Meyer Marschner
1945
Belo Horizonte / Minas Gerais / Brasil
Acervo MHAB

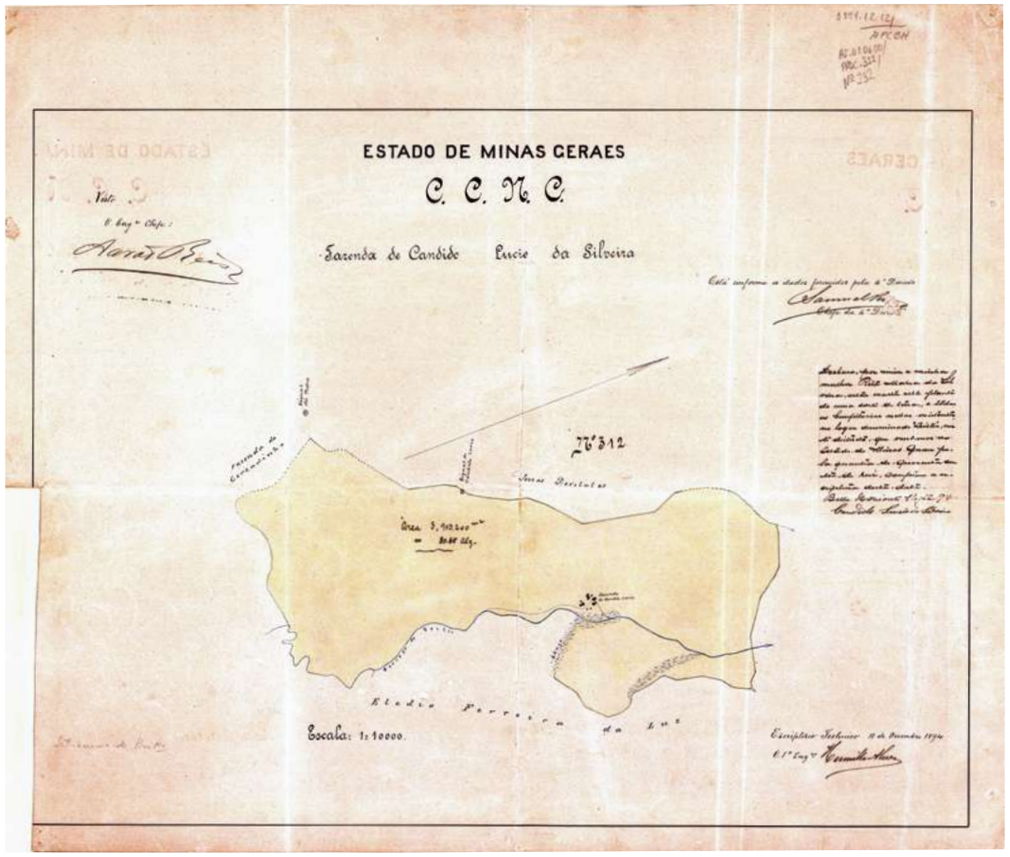

Maria Meyer Marsh
1945





Fazenda Velha do Leitão
1940
Belo Horizonte / Minas Gerais / Brasil
Fotografia P&B
Coleção Belo Horizonte / Acervo MHAB

João Camilo, Paulo e Abílio Barreto na Fazenda do Leitão
1941
Belo Horizonte / Minas Gerais / Brasil
Fotografia P&B
Coleção Abílio Barreto / Acervo MHAB



Fazenda de Candido Lucio da Silveira
Estado de Minas Gerais / Commissão Constructora da Nova Capital / Aarão Reis Engenheiro Chefe / Hermílio Alves 1º Engenheiro Escriptorio Technico / Samuel Pereira Chefe da 4ª Divisão
11 de dezembro de 1894
Arraial Curral Del Rei / Minas Gerais / Brasil
Escala 1:10.000
Secretaria Municipal de Administração / Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte

Transcrição: Declaro, por mim e minha mulher Rita Maria da Silveira, estar exacta esta planta de uma sorte de terras, a todas as bemfeitorias nellas existentes no logar denominado "Leitão", neste districto, que vendemos ao Estado de Minas Geraes pela quantia de quarenta contos de réis. Conforme a escriptura desta data. Bello Horizonte 12, 12, 94. ***Candido Lucio da Silveira***



ALIMENTAÇÃO E ABASTECIMENTO

O Curral Del Rei estava inserido em uma área cuja produção era responsável pelo abastecimento do mercado consumidor da região mineradora. O arraial era um entreposto comercial e ponto de hospedagem para mercadores vindos do norte mineiro pelo chamado "Caminho dos Currais do Rio São Francisco" em direção aos mais variados destinos. Nos séculos XVIII e XIX, esse cenário era formado por fazendas onde se desenvolviam a agricultura e a pecuária, além de armazéns conhecidos como "secos e molhados", e estalagens que ofereciam descanso seguro, alimentação, mantimentos e artigos de primeira necessidade. Mas qual era o lugar do Curral Del Rei nessa trama de caminhos que garantia a circulação de gêneros alimentícios na Comarca do Rio das Velhas? Quais alimentos não faltavam nas mesas de seus habitantes? O que era transportado nas cargas levadas pelos tropeiros e comerciantes que passavam por ali? Suas cozinhas eram equipadas com quais utensílios? Que outros itens eram produzidos para incrementar a alimentação dos curralenses e dos mineiros de outras regiões da capitania e, posteriormente, província de Minas Gerais?



Xícara e pires
Primeira metade do século XIX
Arraial Curral Del Rei / Minas Gerais / Brasil
Porcelana branca com elementos decorativos azul-colbato de manufatura inglesa estilo zoográfico vitoriano da marca Late Spode Copeland & Garret. Pertenceu a Luiz Daniel Cornélio de Cerqueira.
Acervo MHAB

Colher
Final século XIX
Minas Gerais / Brasil
Metal prensado em matriz
Acervo MHAB

Garfo
Final século XIX
Minas Gerais / Brasil
Metal prensado em matriz
Acervo MHAB



Chaleira
Final século XIX
Minas Gerais / Brasil
Ferro fundido
Acervo MHAB





Panela
Final século XIX
Minas Gerais / Brasil
Ferro fundido
Acervo MHAB

Tacho
Final século XIX
Minas Gerais / Brasil
Cobre batido e repuxado
Acervo MHAB





Medidor de alimentos
Século XIX
Minas Gerais / Brasil
Madeira com encaixes estruturais
Acervo MHAB

Caixa para doce
Século XIX
Minas Gerais / Brasil
Madeira com encaixes estruturais
Acervo MHAB

> pp.148/149

Acampamento de viajantes em Sabará
1891
Sabará / Minas Gerais / Brasil
Fotografia P&B
Coleção Municípios Mineiros / Arquivo Público Mineiro


JS
JS





Moedor de grãos
Século XIX
Minas Gerais / Brasil
Ferro fundido
Acervo MHAB

Almofariz
Século XIX
Arraial Curral Del Rei / Minas Gerais / Brasil
Cobre fundido e torneado
Acervo MHAB



Mesa Rústica
Século XIX
Minas Gerais / Brasil
Madeira com encaixes estruturais
Acervo MHAB



Mão de Pilão
Século XIX
Minas Gerais / Brasil
Madeira monóxila escavada e torneada
Acervo MHAB



Caixa para pó de café
Século XIX
Minas Gerais / Brasil
Madeira com encaixes estruturais
Acervo MHAB



Conjunto de Medidores
Século XIX
Arraial Curral Del Rei / Minas Gerais / Brasil
Metal calandrado e pintado
Utilizado no comércio de Secos e Molhados de Aurélio Lobo na Rua do Capão
Acervo MHAB

TROPEIROS

Os tropeiros exerciam dois tipos de tarefas: ou atuavam como vendedores ambulantes, comercializando os produtos que transportavam; ou ofereciam serviços de "frete", alugando sua tropa. Neste caso, as cargas não lhe pertenciam. Essa segunda condição não os impedia de, durante uma viagem de frete, realizar pequenos negócios por conta própria, comprando produtos ao longo do caminho e revendendo-os no destino da entrega final. Os tropeiros recebiam encomendas de moradores, armazéns, mercados e empórios locais. Grandes comerciantes, porém, ou possuíam uma tropa particular, ou contratavam tropeiros de sua confiança. Os tropeiros a serviço desses negociantes mais prósperos também intermediavam créditos entre casas comerciais de diferentes localidades. O valor dos carretos era variável e incidia sobre o preço final das transações e mercadorias: peso e volume do carregamento, a fragilidade dos artigos, a urgência do cliente, o estado das estradas, a distância percorrida, a disponibilidade para a viagem e a fama do tropeiro.



PAISAGENS

Para os diversos viajantes, cientistas, naturalistas, tropeiros e comerciantes que andaram pelo Curral Del Rei e, mais ainda, para seus próprios habitantes, uma característica o distinguia das demais localidades de Minas Gerais: a paisagem. Tanto é verdade que, no momento em que se propôs rebatizá-lo, no final do século XIX, devido à Proclamação da República, não escolheram nome de um deputado mineiro influente, de algum santo de devoção, ou mesmo da padroeira. Optaram pelo campo aberto de visão que enchia os olhos dos moradores e de quem mais passasse pelo povoado. Em outras palavras, observando ao redor, era fácil constatar: que belo horizonte! A mudança foi uma decisão política, mas o nome escolhido foi uma consideração estética, visual. Ao longo do tempo, diferentes narrativas e discursos desenharam paisagens carregadas de significados sobre o velho lugarejo. Quase todos têm como referência o mais duradouro elemento do meio ambiente presente na geografia da região: a serra que servia como uma espécie de abrigo natural para sua população. O Curral Del Rei não existe mais. Porém, ainda hoje, a Serra é do Curral.






NOVA CAPITAL



Panorama do Arraial de Belo Horizonte II
1894
Arraial Curral Del Rei / Minas Gerais / Brasil
Fotografia P&B
Coleção Comissão Construtora da Nova Capital / Acervo MHAB



Egreja Matriz
(Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem)
1895
Arraial Curral Del Rei / Minas Gerais / Brasil
Fotografia P&B
Coleção Comissão Construtora da Nova Capital / Acervo MHAB



Largo da Matriz
(Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem)
1895
Arraial Curral Del Rei / Minas Gerais / Brasil
Fotografia P&B
Coleção Comissão Construtora da Nova Capital / Acervo MHAB



Capella de Sta. Anna
1895
Arraial Curral Del Rei / Minas Gerais / Brasil
Fotografia P&B
Coleção Comissão Construtora da Nova Capital / Acervo MHAB



Menina na janela
1895
Arraial Curral Del Rei / Minas Gerais / Brasil
Fotografia P&B
Coleção Abílio Barreto / Acervo MHAB



Rua do Sabará
1894
Arraial Curral Del Rei / Minas Gerais / Brasil
Fotografia P&B
Coleção Abílio Barreto / Acervo MHAB



Largo do Rosário
1895
Arraial Curral Del Rei / Minas Gerais / Brasil
Fotografia P&B
Coleção Comissão Construtora da Nova Capital / Acervo MHAB



Casa Comercial do Sr. Cândido de Araújo
1895
Arraial Curral Del Rei / Minas Gerais / Brasil
Fotografia P&B
Coleção Abílio Barreto / Acervo MHAB



Rancho Velho de uma papuda
[Maria do Arraial]
1895
Arraial Curral Del Rei / Minas Gerais / Brasil
Fotografia P&B
Coleção Comissão Construtora da Nova
Capital / Acervo MHAB



Paisagem rural
1890
Arraial Curral Del Rei / Minas Gerais / Brasil
Fotografia P&B
Coleção Abílio Barreto / Acervo MHAB

FICHA TÉCNICA

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE

Prefeito: Álvaro Damião
Secretária Municipal de Cultura: Cida Falabella
Secretária Municipal Adjunta de Cultura: Karime Cajazeiro

FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA
Presidenta: Bárbara Bof
Vice-Presidente: Gustavo Bones
Diretoria de Museus: Isabela Guerra
Museu Histórico Abílio Barreto: Ana Paula Portugal

EXPOSIÇÃO TRAVESSIAS DO CURRAL DEL REI
Inaugurada em em 4 de outubro de 2025,
no Casarão Histórico da antiga Fazenda do Leitão - MHAB

Concepção: Equipe técnica Museu Histórico Abílio Barreto
Curadoria: Bruno Viveiros Martins
Pesquisa: Marcela Telles Lima
Coordenação Geral: Ana Paula Portugal
Museografia: Gema Arquitetura
Design Gráfico: Leo Passos e Rafael Amato
Produção Audiovisual: Paulo Rocha (Zum Vídeo)
Produção Sonora: Rafael Oliveira e Otávio Schmitz
Programação Audiovisual e Sonora: EAV Engenharia Audiovisual
Cenografia: Artes Cênica
Iluminação: Cláudio Roberto da Silva
Obra de Arte Comissionada: Jorge dos Anjos
Vozes Narrativas Ficcionais: Adriana Morais, Álvaro Moreira Sales, Bruno Viveiros Martins, Cristhiane Valentim, Flávia Alcântara, Myriam Campas, Jakeline Lins Guimarães de Albuquerque, Simone Teodoro Sobrinho, Wanda Mucchiut
Revisão e Tradução: Ricardo Maciel dos Anjos (Tlön Serviços Literários)
Coordenação Executiva Montagem: Álvaro Moreira Sales
Gestão de Acervo: Álvaro Moreira Sales, Vivian Fraiha Texeira
Organização de Acervo e Montagem: Álvaro Moreira Sales, Flávia Alcântara, Vanderlei André, Isabelly Mamede, Lorena Luz, Thaís Silva e Vitor Santos
Restauração e Conservação Preventiva: Flávia Alcântara e João Henrique Regagnan Martins
Programa Educativo MHAB: Jakeline Lins Guimarães de Albuquerque
Mediadores Educativos Museais: Alice Cássia Chaves, Carina Marina Moreira, Giovana Leal, Júlia de Carvalho Gonçalves, Yara Bastos, Ytai Camargos
Pesquisa Bibliográfica: Christiano Quadros e Adriana Carvalho
Apoio Administrativo e Geral: Adriana Morais, Carmem Matos, Cristhiane Valentim e Myriam Campas

VIADUTO DAS ARTES
Parceria / Gestão Colaborativa: Projeto Museus Centro

Diretor Executivo: Leandro Gabriel
Diretora Executiva Adjunta: Vanda Lucia Coelho Pereira
Diretora Administrativa: Josiane Costa Amâncio
Diretor Financeiro: José Alves Pereira
Conselho Fiscal: Flávio Henrique Coelho Pereira, Wellington Bruno Sathler, Graziele Coelho Pereira

PROJETO MUSEUS CENTRO
Coordenação Geral: Daniel Perini
Assistente de Coordenação e Produção: Leandro Gabriel
Coordenação de Programação: Ana Luiza Teixeira Neves
Coordenação de Comunicação: Fernanda Monte-Mór
Produtores: Isabella Souza, Silvia Góes e Wanda Mucchiut
Educadores: Clara Braga Assumpção, Juliana Silva e Lara Carvalho
Analista Administrativo Financeiro: Josiane Amâncio
Assistente Administrativo: Marcos Paulo Hilário Silva
Assessoria de Imprensa: Soraya Belusi e Cristina Sanches
Assistente de Comunicação e Design: Caroline Abasse
Fotografia: Daniel Moreira
Design Gráfico: Samira Motta
Textos: João Perdigão
Redes Sociais: André Luiz Oliveira

CATÁLOGO EXPOSIÇÃO TRAVESSIAS DO CURRAL DEL REI
Organização: Ana Paula Portugal, Isabela Guerra, Jakeline Lins Guimarães de Albuquerque e Simone Teodoro Sobrinho
Produção Editorial: Ana Luiza Teixeira Neves e Fernanda Monte-Mór
Preparação de Originais: Simone Teodoro Sobrinho
Projeto Gráfico: Estúdio Folha - Andrea Gomes
Fotografias Originais da Exposição e Tratamento de Imagens: Daniel Moreira
Revisão e Tradução: Ricardo Maciel dos Anjos (Tlön Serviços Literários)
Autores: Bruno Viveiros Martins, Marcela Telles Lima, Joseana Costa, Nara Grossi, Jakeline Lins Guimarães de Albuquerque, Álvaro Moreira Sales, Ana Paula Portugal e Pai Ricardo de Moura
Catalogação na Fonte: Christiano Marcos Ribeiro Quadros

Agradecimentos: Andréa de Magalhães Matos, Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH), Arquivo Público Mineiro (APM), Bianca Ribeiro, Biblioteca Nacional, Irena dos Anjos, Isabela Guerra, Isabella Moraes, Jorge dos Anjos e Pai Ricardo de Moura (Casa Pai Jacob do Oriente)

Este catálogo foi impresso em outubro de 2026, pela Gráfica Formato, em Belo Horizonte,
nos papéis Cartão Supremo 250 g/m² e Offset 120 g/m², com tiragem de 350 unidades.

ISBN: 978-85-60151-17-2
CBL
9 788560 151172



REALIZAÇÃO:

VIADUTO DAS ARTES

FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA 20 ANOS

Cultura

BELO HORIZONTE
PREFEITURA DO POVO

AQUI O TRABALHO NÃO PARA